Memória Técnica

Encontro para troca de experiências e reflexões sobre o manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia.

Rio Branco | Acre
27 e 28 de junho de 2017

Realização

TCD Tropical Conservation & Development Program

UF UNIVERSITY of FLORIDA

Embrapa

Apoio

Novo Acre Governo parceiro, povo empreendedor.

MPAC Ministério Público do Estado do Acre

CAO-MAHU Centro de Apoio Operacional de Defesa do Meio Ambiente, Patrimônio Histórico e Cultural e Habitação e Urbanismo

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ICMBio Instituto Chico Mendes MMA

WWF

MEMÓRIA TÉCNICA

Encontro para troca de experiências e reflexões sobre o manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia

27 e 28 de junho de 2017 - Rio Branco - Acre

ORGANIZAÇÃO:
Universidade da Florida / Programa de Conservação e Desenvolvimento nos Trópicos: Ana Luiza Violato Espada, Natalie Cooper, Denyse Mello, Karen Kainer, Jonathan Dain, Eduardo Bongiolo; **Embrapa (Rondônia e Acre):** Lúcia Wadt, Fernanda Fonseca, Marcus Vinício D' Oliveira; **WWF:** Ricardo Mello.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO:
Fabiano Estanislau, Mauricilia Pereira da Silva, Priscila Viudes.

APOIO:
Governo do Estado do Acre, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Ministério Público do Estado do Acre, Universidade da Flórida, Programa de Conservação e Desenvolvimento nos Trópicos e WWF-Acre.

FACILITAÇÃO:
Denyse Mello
Ana Luiza Violato Espada

RELATORIA:
Fernanda Fonseca
Juliana Paulo Saraiva

EDIÇÃO FINAL:
Ana Luiza Violato Espada

-Setembro-
2017

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMOPREX	Associação dos Moradores e Produtores da Resex Chico Mendes em Xapuri
AMOPREB	Associação de Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Brasileia e Epitaciolândia
APADRIT	Associação dos Produtores Agroextrativistas da Assembleia de Deus do Ituxi
APAT	Autorização Prévia à Análise do PMFS
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
AUTEX	Autorização para Exploração
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CDS	Comitê de Desenvolvimento Sustentável
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTA	Centro dos Trabalhadores da Amazônia
Emater	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
GT MFC	Grupo de Trabalho do Manejo Florestal Comunitários do Marajó
IBAM	Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IBAMA	Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IEB	Instituto Internacional de Educação do Brasil
IFT	Instituto Floresta Tropical
Imaflora	Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola
IMC	Instituto de Mudanças Climáticas e Regulação de Serviços Ambientais do Acre
MFC	Manejo Florestal Comunitário
PMFS	Plano de Manejo Florestal Sustentável
POA	Plano Operacional Anual
Resex	Reserva Extrativista
SEMA	Secretaria de Estado de Meio Ambiente
SFB	Serviço Florestal Brasileiro
TCD	Tropical Conservation and Development Program
UC	Unidade de Conservação
UFAC	Universidade Federal do Acre
UF	Universidade da Florida
UT	Unidade de Trabalho
WWF	World Wide Fund for Nature

SUMÁRIO

1. Contextualização **5**

2. O Encontro **6**

2.1. Objetivos **6**

2.2. Programação **6**

2.3. Participantes **7**

2.4. Metodologia **8**

3. Memória do evento **13**

3.1. Abertura **13**

3.2. Dinâmica de apresentação dos participantes **17**

3.3. Dinâmica de compartilhamento de expectativas **17**

3.4. Acordos de convivência **18**

3.5. Objetivos do evento **18**

3.6. Apresentações dos casos **19**

Caso 1 - Reserva Extrativista Verde para Sempre - Porto de Moz - Pará 19

Caso 2 - Reserva Extrativista Ituxi - Lábrea - Amazonas 24

Caso 3 - Reserva Extrativista Mapuá - Breves - Pará 27

3.7. Apresentação dos trabalhos de grupo **30**

Grupos - Cumaru e Angelim 30

Grupo - Cedro 32

Grupo - Itaúba 33

Grupo - Cerejeira 34

3.8. Abertura do segundo dia **38**

Caso 4 - Reserva Extrativista Chico Mendes - Xapuri - Acre 39

Caso 5 - Reserva Extrativista Chico Mendes - Epitaciolândia e Brasiléia - Acre 42

3.9. Apresentação dos trabalhos de grupo **46**

Grupos - Cumaru e Angelim 46

Grupo - Cedro 47

Grupo - Mogno 47

Grupos - Itaúba e Cerejeira 47

3.10. Discussão técnica **48**

3.11. Cenários para o manejo florestal comunitário **50**

Grupos - Acre 50

Grupos Pará e Amazonas 53

4. Próximos passos **56**

Pará 56

Acre 56

5. Encerramento do evento **57**

1. Contextualização

Acreditamos que o manejo madeireiro em florestas comunitárias possui desafios e questionamentos, mas também muitas oportunidades que podem resultar em conservação florestal, mais legalidade para o setor madeireiro, complementariedade de renda, benefícios para a economia local, melhoria de infraestruturas coletivas, trabalho em parceria, dentre outras. Também acreditamos que a troca de experiências e a reflexão sobre as iniciativas de manejo madeireiro comunitário envolvendo diferentes atores dessa agenda são fundamentais para conectar e aprimorar as iniciativas em curso.

Com esta perspectiva, um grupo formado por estudantes de doutorado e pós-doutorado, professores e pesquisadores ligados ao Programa de Conservação e Desenvolvimento nos Trópicos (TCD, sigla em inglês) da Universidade da Florida em parceria com pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Acre e Rondônia se propuseram em facilitar um encontro com diferentes atores do manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia, com enfoque em reservas extrativistas (Resex). As iniciativas são aquelas que possuem planos de manejo florestal comunitário licenciados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) sob diretrizes da Instrução Normativa n° 16, de 4 de agosto de 2011.

Foram oito meses organizando o evento e, ao longo desse processo, mais organizações se envolveram tornando-se essenciais para a realização do mesmo. Consideramos que o "Encontro para troca de experiências e reflexões sobre o manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia" é, desde sua concepção e execução, resultado do trabalho em parcerias envolvendo atores com atuação distinta e bem definida no processo como um todo.

O evento recebeu apoio financeiro, logístico e humano do TCD, da Universidade da Florida, por meio do *Marianne Schmink Innovation in Tropical Conservation and Development Award*[1], Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Governo do Estado do Acre, ICMBio, Ministério Público do Estado do Acre (MPAC) e do *World Wide Fund for Nature* (WWF) do Acre.

Com o apoio e a colaboração dessas organizações pudemos reunir representantes comunitários e parceiros de quatro reservas extrativistas, duas no estado do Pará (Mapuá e Verde para Sempre), uma no Amazonas (Ituxi) e uma no Acre (Chico Mendes). Também pudemos compartilhar a experiência de governança socioambiental do Grupo de Trabalho do Manejo Florestal Comunitário do Marajó, Pará.

Escolhemos o formato de memória técnica para socializar toda a riqueza de apresentações, debates, reflexões e troca de experiências vivenciada em dois dias de evento. Esperamos com isso fazer uma contribuição, por pequena que seja, ao esforço de promover a conservação florestal nos trópicos e o desenvolvimento local na Amazônia.

[1] Mais informações: http://www.tcd.ufl.edu/financial-support/schmink-innovation-award

2. O Encontro

O "Encontro para troca de experiências e reflexões sobre o manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia" foi realizado durante os dias 27 e 28 de junho de 2017, na sala Juruá, Centro de Treinamento da Embrapa em Rio Branco, Acre.

2.1. Objetivos

Os objetivos do encontro foram:

- Compartilhar e refletir sobre as experiências de manejo florestal comunitário;
- Possibilitar a interação entre os diferentes atores relacionados à gestão de recursos naturais em áreas protegidas de uso comunitário;
- Analisar as diversas abordagens adotadas por comunidades e organizações governamentais e não governamentais na gestão da madeira em florestas comunitárias;
- Refletir sobre as lições aprendidas dos casos de manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia.

2.2. Programação

DIA 1 (27/6)	
8h30	Abertura do evento
9h15	Apresentação dos participantes, expectativas, acordos de convivência, apresentação da agendo do evento, informes e esclarecimentos para formato de registro e socialização do evento.
11h00	Caso 1: Resex Verde Para Sempre
11h30	Caso 2: Ituxi
12h00	Almoço
13h30	Caso 3: Resex Mapuá
14h00	Reflexão dos casos
15h30	Apresentação dos grupos
16h30	Apresentação do GT MFC do Marajó
17h00	Encerramento do dia

DIA 2 (28/6)	
8h30	Revisão do dia anterior
8h45	Caso 4: Resex Chico Mendes / AMOPREX
9h05	Caso 5: Resex Chico Mendes / AMOPREB
10h30	Reflexão dos casos
11h30	Discussão técnica
12h30	Almoço
13h30	Cenários do MFC
16h00	Apresentação dos grupos
16h45	Próximos passos
17h15	Avaliação e questionário
17h30	Fechamento do evento

2.3. Participantes

Participaram do evento 54 pessoas (Anexo 1) representando diversos setores como governo, comunidades, sociedade civil organizada, iniciativa privada, instituições de ensino e de pesquisa, organizações de assistência técnica e extensão rural e florestal (Quadro 1).

Quadro 1. Número de participantes por tipo de instituição / organização.

Tipo de instituição / organização	Número de representantes*
Assistência técnica e extensão rural e florestal	3
Comunidade	12
Governo	17
Iniciativa privada	4
Instituição de ensino (universidade)	6
Instituição de pesquisa	5
Sociedade Civil Organizada	6
Outro	1
Total de participantes	**54**

*** Nota:** o número de participantes variou entre os períodos da manhã e da tarde e entre o primeiro e o segundo dia do evento.

Figura 1. Participantes reunidos ao final do primeiro dia do evento.

2.4. Metodologia

As bases metodológicas do evento foram (i) a socialização de experiências de manejo comunitário da madeira em reservas extrativistas por meio de apresentação oral dos representantes comunitários envolvidos diretamente com tais experiências e por representantes de organizações parceiras das comunidades e (ii) na reflexão e construção de um diálogo para debater cenários do manejo florestal comunitário positivos e negativos na linha temporal de 10 anos, iniciando em 2017.

Os representantes das reservas extrativistas participaram no dia anterior ao início do evento de reunião de alinhamento metodológico para a socialização das experiências. No dia 26/6, os representantes dos casos compartilharam com a organização do evento informações chave para a composição das perguntas norteadoras e linha do tempo (anos chave) considerando eventos importantes do processo histórico para as comunidades manejarem a madeira em territórios coletivos.

Figura 2. Representantes das reservas extrativistas e facilitadoras no alinhamento metodológico.

Nesse dia, os representantes dos casos também socializaram por meio de representação gráfica a espacialização do uso sócio-produtivo dos territórios familiares e coletivos nas reservas extrativistas pontuando informações chave sobre o manejo da madeira.

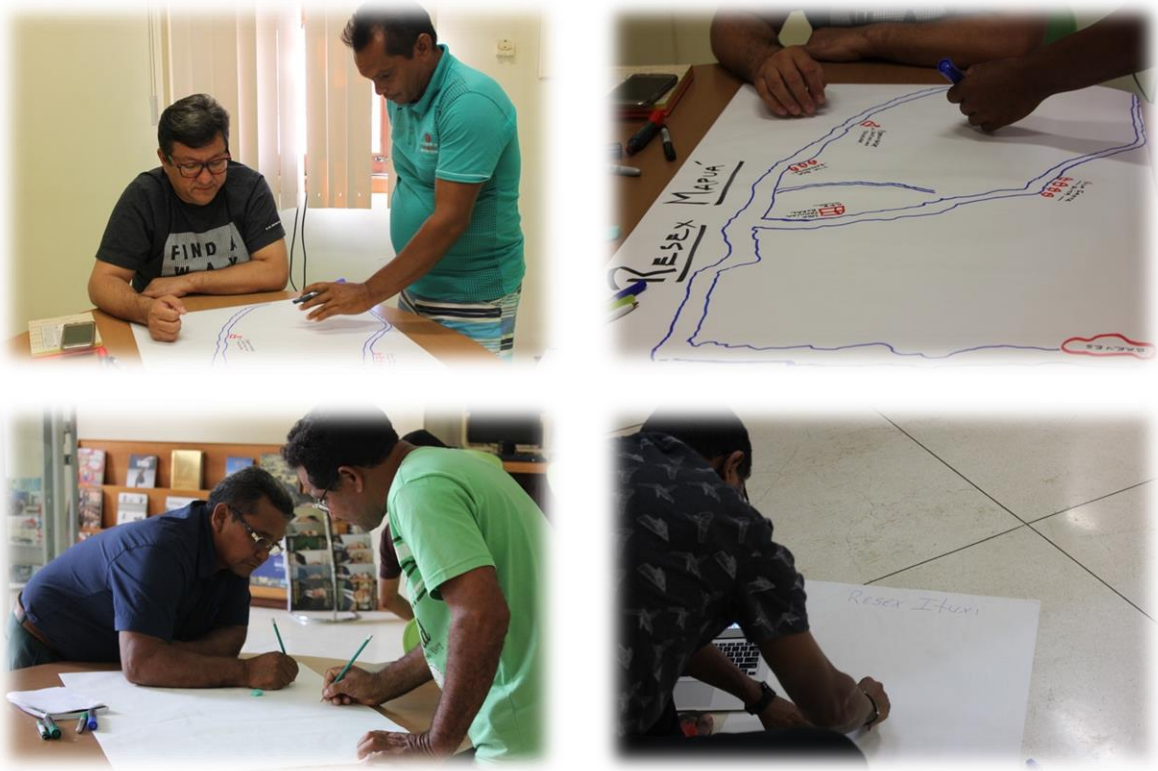
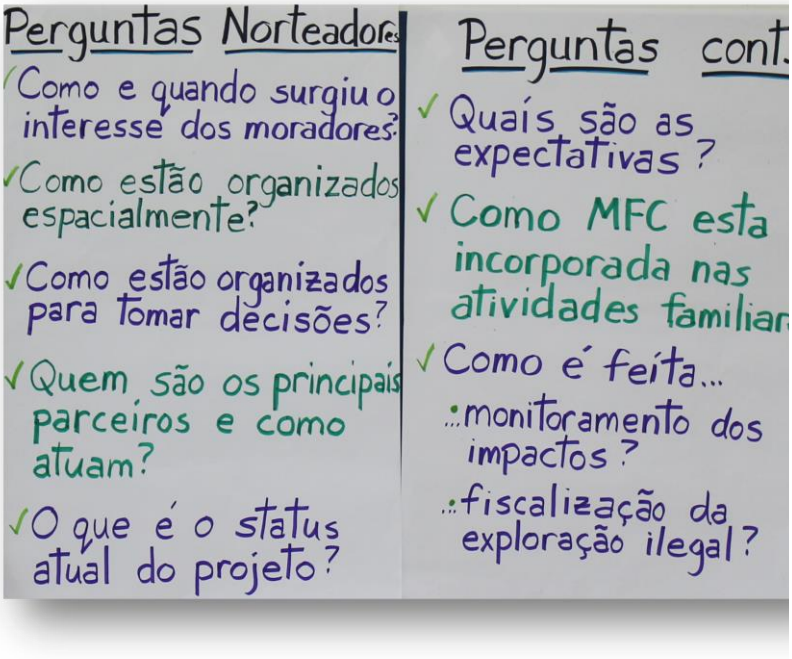


Figura 3. Representação da espacialização do uso sócio-produtivo dos territórios familiares e coletivos nas reservas extrativistas.

Durante o evento, perguntas norteadoras foram direcionadas para a apresentação dos casos, sendo opcional para os representantes responderem. Após a apresentação de cada caso, eram realizadas rodadas de perguntas e esclarecimentos.

Optamos pela apresentação livre, sem interrupções durante as explanações. Consideramos as rodadas de perguntas e os debates em grupos menores como forma para complementar informações e esclarecer as dúvidas

]



Para proporcionar momentos de reflexões, debate e interação entre os diferentes atores presentes no evento, os participantes se organizaram em grupos menores (6 a 8 pessoas). Cada grupo foi nomeado para fins de identificação e permanência dos mesmos integrantes nos diferentes momentos de reflexão em grupos.

Previamente ao primeiro dia do evento, a organização definiu os integrantes dos grupos conforme setor (governo, comunidades, sociedade civil organizada, iniciativa privada, instituições de ensino e de pesquisa, organizações de assistência técnica e extensão rural e florestal) de forma a buscar diversidade de atores na composição dos mesmos.

Perguntas norteadoras foram direcionadas para cada grupo. Previamente às apresentações, as facilitadoras do evento apresentaram as perguntas para os grupos – os participantes receberam crachás com cores distintas para identificar grupo – com o intuito dos participantes fazerem anotações pertinentes para o debate em grupos.

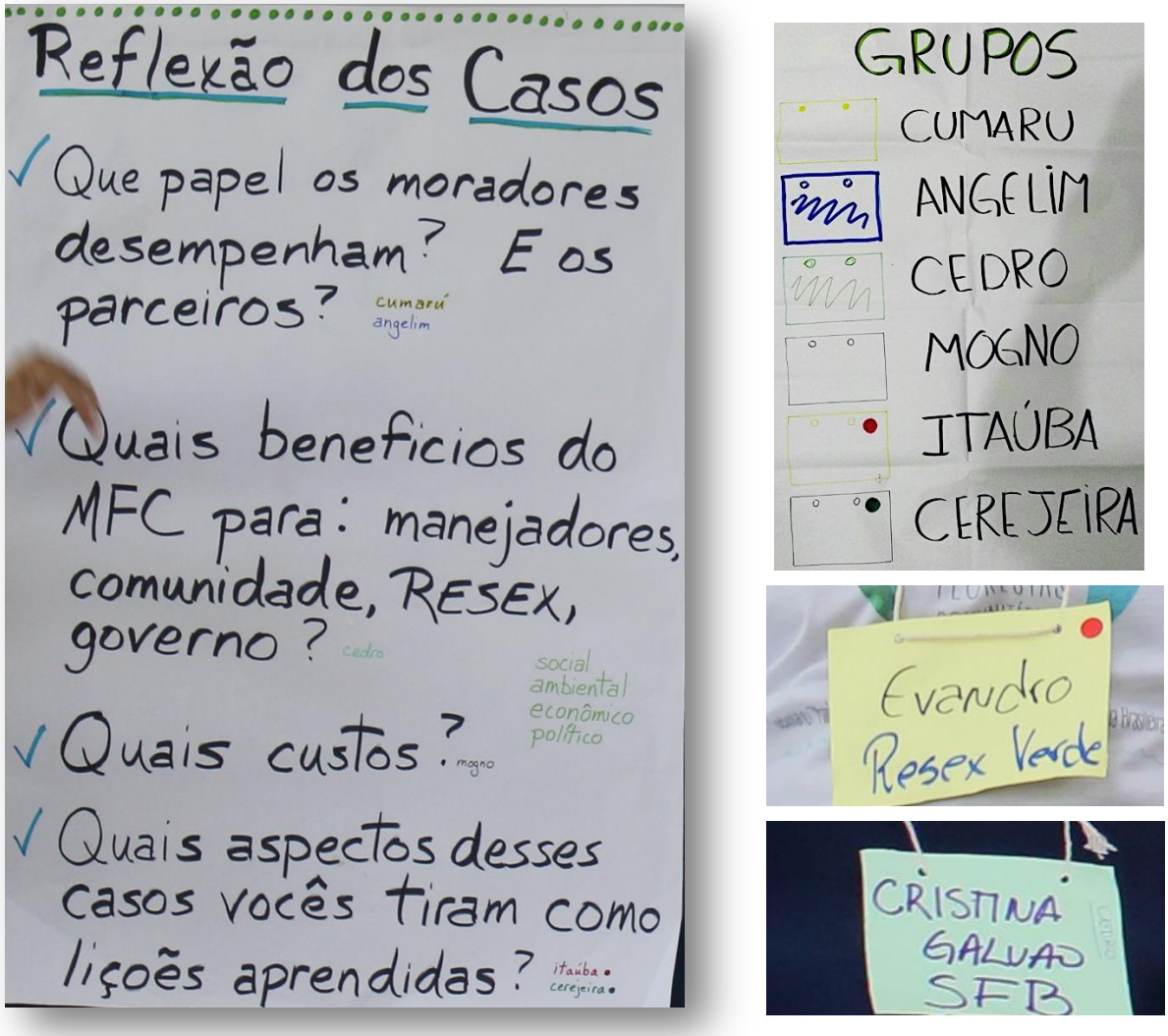


Figura 5. Perguntas direcionadas para os grupos de debate, diferenciação dos crachás para composição dos grupos e crachá diferenciando membros de grupos de debate.

Posteriormente ao debate em grupos menores, os integrantes compartilharam com todos os participantes os resultados em cartazes e explanações. A dinâmica de apresentação das experiências de manejo comunitário da madeira, debates em grupos menores e socialização dos resultados em plenária ocorreram no primeiro dia (27/8) e período da manhã do segundo do evento (28/7).

No horário do almoço do segundo dia, com resultado de uma demanda apresentada pelos participantes, foi incluída a atividade: discussão técnica que consistiu na apresentação de ferramentas e tecnologias utilizadas no manejo madeireiro por comunidades, organizações não governamentais e iniciativas privadas. O formato de apresentação se deu utilizando projeções e, principalmente, perguntas e esclarecimentos.

Para consolidar as reflexões dos grupos sobre os casos apresentados e buscar estratégias de aprimoramento do manejo comunitário da madeira em áreas protegidas, no período da tarde do segundo dia do evento foram formados novos grupos de debate. Os integrantes foram divididos por estados, conforme residência ou atuação. Dois grupos foram formados: Pará e Amazonas; Acre.

Os grupos foram compostos por representantes de diferentes setores. Cada grupo discutiu e registrou o cenário verde (melhor cenário) e o cenário cinza (pior cenário) para o manejo florestal comunitário no período de 2017 a 2027. Os grupos também desenham em cartazes a linha do tempo incluindo os eventos para se chegar ao cenário verde e ao cenário cinza. Após esse exercício, os grupos debateram o que precisaria acontecer para a concretização do cenário verde e o que precisaria ser evitado para impedir o cenário cinza de se concretizar.

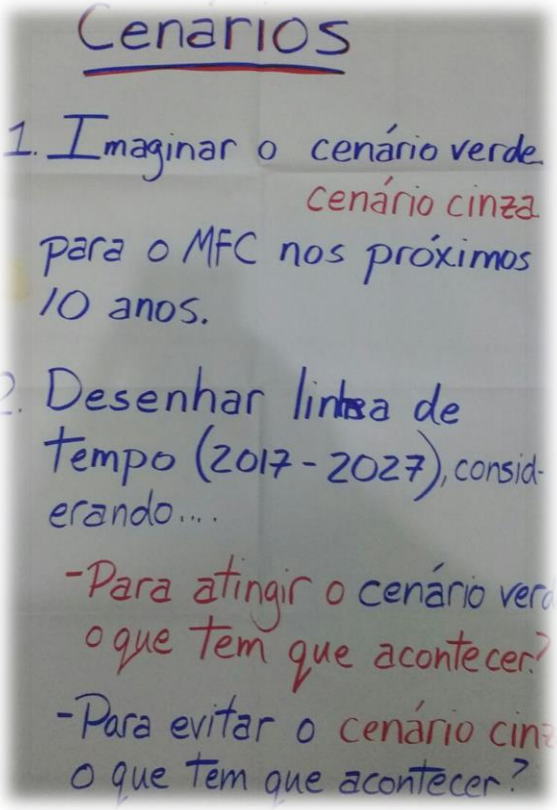


Figura 6. Orientações para grupos debaterem e registrarem os cenários verde e cinza.

3. Memória do evento

Para registro e socialização do conteúdo apresentado, debatido e produzido no "Encontro para troca de experiências e reflexões sobre o manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia" escolhemos o formato de memória registrada ao longo de todo evento por duas relatoras, com exceção do registro de informações durante as discussões dos grupos de debate, sendo registrados apenas os resultados durante apresentações em plenária.

Desta forma, as páginas seguintes desse documento trazem uma descrição o mais fiel possível das falas, apresentações, debates e reflexões ocorridos ao longo do evento em ordem cronológica à programação executada.

3.1. Abertura

O cerimonialista realizou a abertura do evento, saudando os participantes e convidando as autoridades presentes para comporem o dispositivo de abertura. Fizeram parte da composição da mesa de abertura os seguintes representantes e suas organizações:

- **Ricardo de Assis Mello,** Coordenador do Programa Amazônia do WWF- Brasil;
- **Karen Kainer,** Professora em Florestas Tropicais da Universidade da Flórida;
- **Patrícia de Amorim Rêgo,** Procuradora de Justiça, Coordenadora do Centro de apoio operacional de Defesa do Meio Ambiente, Patrimônio Histórico e Cultural, Habitação e Urbanismo do Ministério Público do Estado do Acre;
- **João Paulo Mastrângelo,** Secretário adjunto da Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Estado do Acre (SEMA);
- **Cristina da Silva**, Gestora da Resex Chico Mendes, ICMBio;
- **Jacson Rondinelli da Silva Negreiros,** Chefe de Pesquisa e Desenvolvimento e Chefe Geral Substituto da Embrapa Acre.

Após comporem o dispositivo de honra da mesa de abertura, os convidados fizeram uso da palavra na ordem relatada a seguir.

- Ricardo: a história do manejo florestal em áreas protegidas é uma história recente. O manejo madeireiro tem questões políticas e complexas para serem discutidas. O WWF acredita que é preciso pensar a floresta como um meio de vida para quem vive nela, é preciso ter alternativas. Um evento como este trás a possibilidade de intercâmbio e, assim, enxergar as oportunidades que existem para este segmento de manejo madeireiro que não está sendo fácil. O manejo madeireiro tem potencial para ser parte da cesta de produtos que beneficia as comunidades quem vivem na floresta. O WWF acredita nisso e é parceiro desde as primeiras iniciativas de MFC (manejo florestal comunitário) na Reserva Extrativista Chico Mendes. Um dos grandes objetivos do evento é entender como estamos hoje, os desafios que vamos enfrentar daqui para a frente e o que precisamos melhorar. E nessa jornada o WWF seguirá como parceiro, pois

acreditamos que é possível, e que isso faz parte do futuro da região. Agradeço o convite pela organização do evento.

- Karen: agradece pela oportunidade de estar na mesa de abertura e a todos os organizadores do evento, que teve muitos apoiadores e parceiros. Ressalta que a ideia do evento começou como iniciativa de duas estudantes de pós-graduação (Ana Luiza Violato Espada e Natalie Cooper). Comenta que todos deixaram suas atividades para estar presente nesses dois dias de evento, pelo mesmo motivo: acreditar no manejo comunitário, no fato de que as comunidades estão aptas e tem liderança e conhecimento. Contudo, não podem fazer sozinhos, as parcerias são necessárias e precisam de bons parceiros. Existem muitas pressões sobre a floresta, estamos aqui em grupo para poder dizer como podemos fazer melhor. A UFAC (Universidade Federal do Acre) também está aqui, as comunidades estão aqui, os parceiros estão aqui, então é isso que queremos fazer.

- Patrícia: agradece aos parceiros pela realização do evento. Acredita que é oportuno esse momento em razão da conjuntura que estamos vivendo no país e no mundo. Frente ao perigo de retrocesso ambiental que "bate a nossa porta" estamos aqui discutindo iniciativas, caminhos que buscam valorizar a floresta em pé, os modos de vida, melhorar a qualidade de vida das populações que residem na floresta em unidades de conservação - UCs. Dentre os retrocessos está sendo discutido no Congresso Nacional a possibilidade de diminuição da quantidade de terras ambientalmente protegidas, a recategorização das UCs, e também a extinção de algumas, por isso é um momento muito oportuno para ouvir essas experiências, de um público diversificado que está aqui, que são pessoas que fazem isso todo dia, pessoas que ali mora. O Ministério Público é parceiro de toda e qualquer iniciativa que vem discutir esses caminhos para a valorização da floresta em pé e melhoria da qualidade de vida das pessoas que nela residem. Deseja uma boa discussão e que possamos sair daqui fortalecidos para a batalha, pois o desafio é bem grande.

- **João Paulo:** cumprimenta a todos os participantes e aos colegas da mesa. Diz que está muito feliz em ser parceiro e participar desse evento, momento de conversar sobre o manejo comunitário. Ressalta que os alegra participar desta iniciativa, pois faz parte de um contexto que para o Governo do Estado hoje é interessante pois estão tentando retomar as atividades do manejo florestal em áreas protegidas, em reservas extrativistas. Mas sob uma nova ótica: construir uma iniciativa econômica de base comunitária não pode estar presa a números, como forçar uma competição com iniciativas empresariais. Estão incorporando o elemento da Gestão Comunitária (ao contrário da lógica de manejo empresarial em comunidades), fortalecendo e empoderando as associações comunitárias, que são as organizações que vão desenvolver o manejo. A partir destas discussões, pensam em ter menos iniciativas, mas que estas sejam de qualidade e projetos consistentes. Esse é um desafio que exige cuidado, exige qualidade, exige debate, muita conversa. O evento vem ao encontro

dessa perspectiva. O Governo do Estado do Acre investe no setor florestal, abriu linhas de financiamento para viabilizar os planos de manejo e infraestrutura na Resex Chico Mendes. E agora fará o investimento na qualificação das comunidades envolvidas. Desta forma, por exemplo, quando for concedida a licença para manejar a Chico Mendes, essa atividade vai ser feita nesses moldes, com muito debate. O Governo está com uma cooperação com o Imaflora (Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola) e com a universidade para que a atividade possa ser compreendida por quem está participando e gere os benefícios necessários na cadeia produtiva no Alto Acre, como por exemplo, com a retomada da fábrica de pisos. É dessa forma que o governo do Acre quer avançar com o manejo florestal comunitário, principalmente em áreas protegidas. Agradece pela presença de todos, e deseja que um excelente trabalho ao longo desses dois dias de evento.

- **Cristina**: cumprimenta a plateia, especialmente os colegas que vieram de outros estados. E diz que é realmente uma experiência única que a gente tem quando anda nas comunidades e questiona: O que é manejo? Vocês querem manejo? Depende. E o dinheiro? Quanto custa? Quanto eu vou ganhar? Enfim, são muitos os questionamentos, e nesses questionamentos é necessária a intervenção da academia, dos institutos, das organizações da sociedade civil. Dessa forma é preciso discutir dentro das comunidades: De que forma? A forma que ela quer. Qual o momento? Então, quando a pesquisa chega na comunidade ela vem em um bom momento, por que? Por que é um momento de curiosidade, em que ela quer entender o que vai ter de mudança na vida dela, por meio do manejo. A experiência, com o intercâmbio de outros estados, só vai fortalecer ainda mais, e tirar as dúvidas que estejam ocorrendo aqui dentro da Reserva Chico Mendes. O ICMBio tem acompanhado os processos de licenciamento junto às Associações Concessionárias na Resex Chico Mendes, dentre elas a AMOPREX (Associação dos Moradores e Produtores da Resex Chico Mendes em Xapuri) está muito avançada, estão muito interessados, e já se mostraram bem capacitados. Em reunião extraordinária do conselho da Reserva Extrativista Chico Mendes, uma das necessidades levantadas por eles foi a vontade de trocar experiências com outros estados, desta forma esse evento veio a calhar. Acredita que, nesse contexto de crise econômica, é um momento oportuno para parcerias, de se estabelecer diálogos com o terceiro setor e fazer um arranjo para alcançar os resultados esperados. E menciona que o contexto que o João Paulo colocou é favorável em vários aspectos. Agradece o convite e se coloca à disposição.

- **Jacson:** cumprimenta todos participantes e a todos da mesa. O evento trata de um tema importantíssimo, o manejo comunitário, e vale muito a pena estar aqui nesses dois dias discutindo e compartilhando as experiências. A Embrapa não podia ficar de fora desse assunto, pois a vários anos vem trabalhando com esse tema que é o manejo, o manejo comunitário, manejo de pequenas áreas. Desenvolvemos bastante trabalhos na área do Peixoto. O papel da Embrapa é levar soluções tecnológicas, tecnologias que

sejam viáveis para melhorar a qualidade de vida, respeitando a floresta, que é o bem maior que nós temos e que deve ser respeitada. A parceria é muito importante, nesse momento difícil que estamos vivendo, não conseguimos desenvolver certos trabalhos sozinho. As universidades, as organizações, o governo do estado aqui presente, as comunidades, é muito importante esse tipo de ação, trabalharmos em conjunto os parceiros. Esses dois dias serão muito interessantes, muito importantes para a troca de experiências. A Embrapa está de portas abertas, para desenvolver trabalhos em conjunto e para outros assuntos. Agradece e deseja a todos um excelente evento, que as discussões sejam bastante proveitosas.

O cerimonialista registra e agradece a presença de todas as instituições presentes, em seguida agradece as autoridades da mesa e declara aberto os trabalhos, convidando os facilitadores do evento para condução das atividades.

Figura 7. Membros do dispositivo de abertura do evento (Ordem esquerda para direta: Karen Kainer, João Paulo Mastrângelo, Jacson Negreiros, Cristina da Silva, Patrícia Rêgo, Ricardo Mello)

A facilitadora Ana Luiza agradeceu a participação de todos, em especial os representantes das comunidades extrativistas da Resex Chico Mendes representando os Seringais Filipinas, Porongaba e Porvir; Resex Verde Para Sempre representando as comunidades Itapéua e Paraíso; Resex Mapuá, e ao representante do Instituto Floresta Tropical (IFT) representando a experiência da Resex Ituxi, autorizado pela associação que não pode estar presente no evento.

Ana apresenta os organizadores e apoiadores do evento: Denyse Mello, Eduardo Bongiolo, Karen Kainer, Lúcia Wadt, Marcus Vinício Neves D´ Oliveira, Fernanda Fonseca, Fabiano Estanislau, Mauricilia Pereira da Silva, Ricardo Mello, a Natalie Cooper e Jonathan Dain, que não estão no evento e que ajudaram muito na concepção metodológica das atividades propostas. Ana agradece imensamente a colaboração de Natalie Cooper, que de alguma forma se faz presente do evento.

3.2. Dinâmica de apresentação dos participantes

A facilitadora convidou a todos para irem até o espaço externo (plantio de seringueiras), para ser realizada a dinâmica de apresentação dos participantes. Todos se reuniram em um grande círculo, e os convidados entre si escolheram duplas para conversar e se apresentarem dizendo nome, de onde vem e organização que representa. Após cinco minutos, a facilitadora pediu que as duplas buscassem por outras duplas para se apresentarem entre si, formando grupos de 4 a 6 pessoas. Posteriormente, o grande grupo fez um círculo, deram-se as mãos e Ana fortaleceu a importância de estarmos reunidos e de estabelecermos as parcerias.

Figura 10. Dinâmica de apresentação dos participantes do evento.

3.3. Dinâmica de compartilhamento de expectativas

De volta a sala de trabalho, foi solicitado aos participantes que expressassem em tarjetas suas expectativas quanto ao Encontro. As tarjetas foram fixadas no “mural de expectativas”. Em linhas gerais as expectativas apresentadas foram:

- Trocar e compartilhar experiências;
- Estabelecer parcerias;
- Intercâmbio de saberes e informações;
- Abrir caminhos para que o manejo dê certo;
- Entender os desafios e oportunidades do manejo madeireiro;

- Encontrar soluções para o manejo da floresta.

Figura 11. Tarjetas contendo expectativas do evento.

3.4. Acordos de convivência

A facilitadora solicitou contribuições para a criação de acordos de convivência, que teriam vigência durante os dois dias de evento (as sugestões foram anotadas em cartaz e fixadas na parede). Os acordos foram: evitar o uso do celular; evitar conversar paralelas; respeito aos horários; estar com "DE" - dedicação exclusiva para realmente se dedicar ao evento e atividades de troca de experiências e aprendizados.

3.5. Objetivos do evento

A facilitadora apresentou em cartazes fixados os objetivos do evento:

- Compartilhar e refletir sobre as experiências do manejo florestal comunitário;
- Possibilitar a interação entre os diferentes atores (entre as diferentes organizações presentes aqui nesse evento, nós temos o governo, sociedade civil organizada, instituições de ensino e pesquisa, comunidades... e queremos que toda essa diversidade de atores possa interagir entre si);
- Analisar, refletir e pensar sobre as diversas abordagens para o manejo madeireiro comunitário, que tem acontecido nas reservas extrativistas, e por isso trouxemos os moradores para falarem como tem sido isso;
- Refletir sobre as lições aprendidas (o que fizemos que não queremos fazer? E o que fizemos que devemos continuar fazendo?)

Em seguida, Ana Luiza apresentou a programação do dia e a pesquisadora Lucia Wadt da Embrapa Rondônia fez uma explicação sobre os materiais que os participantes receberam nas pastas: questionários de pesquisa e termos de autorização de uso da imagem, ambos com adesão voluntária.

Intervalo

Após o intervalo, a facilitadora Denyse Mello apresentou a linha do tempo do manejo madeireiro comunitários, contendo os anos chave e os eventos mais relevantes indicados pelos representantes dos casos no dia anterior.

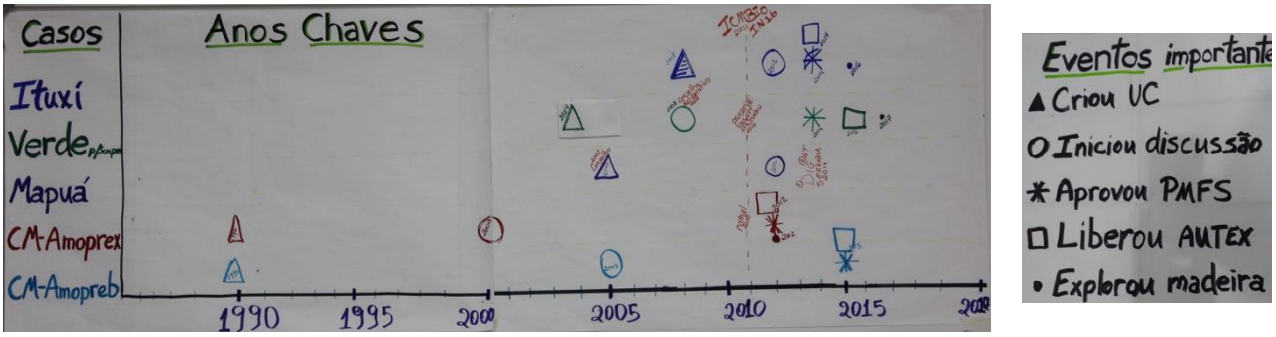


Figura 8. Linha do tempo do manejo comunitário da madeira dos casos apresentados.

3.6. Apresentações dos casos

Caso 1 - Reserva Extrativista Verde para Sempre - Porto de Moz - Pará

Representantes: Manoel Batista e Evandro Pinheiro

O Sr. Manoel iniciou a apresentação relatando que o manejo madeireiro comunitário é realizado em 6 comunidades da Resex: Paraíso, Por Ti Meu Deus, Ynumbi, Itapéua, Espírito Santo e Arimum. Temos licenciado 46 mil hectares para ser realizado o manejo comunitário. A reserva foi criada em 2004, a discussão do plano de manejo foi realizada em 2008, e foi aprovada em 5 comunidades, pois o Arimum foi a pioneira, depois as demais foram aprovadas. O plano de manejo sustentável do manejo foi realizado em 2014, e a AUTEX (Autorização para Exploração) foi liberada em junho de 2016. Sendo que a AUTEX foi prorrogada para 2017 com a perspectiva de serem exploradas em 2017, por conta de não termos recurso para ter explorado em 2016. E tudo isso só aconteceu depois que foi criada a reserva extrativista.

Na Resex Verde para Sempre cada morador tem seu lote e as áreas exploradas são comunitárias. A associação foi criada em 2005, com a esperança de fazer o manejo florestal. Cada projeto desse, cada comunidade dessa tem a sua associação, tem seu plano. O caso do Arimum é diferente, eles já tinham uma cooperativa, e foi um projeto piloto, que trouxe experiência, influência para nós. Foi uma referência para a gente fazer o manejo. A área da Resex tem 1 milhão e 200 mil hectares, lá era uma área de madeireiros, foi feita uma luta muito acirrada, com muita força das organizações sociais para conquistar a Resex. Hoje existe pouca exploração ilegal, principalmente pelos criadores de búfalos.

A Resex é dividida em zonas (zonas alteradas, de floresta e de várzea). A área de várzea ocupa 40% da reserva e é nessa área que é realizada criação de búfalo. A parte da floresta é onde a gente trabalha e realiza as atividades extrativistas. Nossa aptidão é trabalhar com madeira, sempre trabalhamos com a madeira, e legalizar a exploração foi muito importante. Eu nasci e me criei trabalhando com madeira. Nós alcançamos nosso objetivo, hoje nós temos a nossa área licenciada para trabalhar os 25 anos que é o ciclo de corte. A primeira UPA terá um total de 15 mil hectares, a média da colheita é de 21 m^3/ha.

Para a comercialização nós encontramos uma empresa que chegou ao preço esperado. Toda empresa quer comprar madeira legal, mas ela não está legal. O plano de manejo é gerenciado pelas associações, pelos comunitários, ninguém terceiriza nada lá. A Arimum como pioneira já teve a experiência de terceirizar a exploração e perdeu muito com isso, e agora está na 5ª UPA. Nós como pudemos ver a experiência deles não terceirizamos, e nós temos nossos parceiros, o Conselho de Desenvolvimento Sustentável (CDS) de Porto de Moz, o Serviço Florestal Brasileiro (SFB), o IFT, o ICMBio, a cooperativa. A cooperativa tem sido muito importante para nós podermos receber recursos do Governo Federal.

Uma das coisas que eu achei interessante aqui, que a gente pode perceber que o governo do Acre ele se coloca à disposição dos comunitários, nós lá na Verde nunca tivemos a oportunidade de estar com o governo, na capital do estado para o governo dar suporte aos comunitários. Não temos suporte do estado. O IFT é parceiro, entra com o serviço de campo (que mais nos ajudou, com treinamento de campo, nossos comunitários fazem os inventários sozinhos, na comunidade), o SFB entrou com estudo de viabilidade econômica, o IEB (Instituto Internacional de Educação do Brasil) está entrando com a parte de consultoria. O IFT é um dos que mais nos ajudou, que levou os técnicos de campo, para dentro da área, junto de nós e hoje graças a Deus, nós estamos fazendo inventário sozinho. A minha fala é essa e eu quero passar a minha fala para o meu parceiro, Evandro também da Resex Verde para Sempre.

Figura 9. Representantes da Resex Verde para Sempre.

Sr. Evandro comenta que em 2008 iniciaram a discussão sobre o MFC, foi com o CDS que nós conseguimos algum recurso, conseguimos recurso da União Europeia para fomentar a questão da delimitação das áreas, e dar início a delimitação do inventário 100%, mas daí acabou o projeto da União. Em 2011, nós conseguimos chamar o pessoal do IFT, via CDS, foi o nosso primeiro parceiro, e passamos a discutir de forma mais ampla. O IFT repassou o conhecimento para nós comunitários, e fez a conscientização do que é manejo de madeira, a gente trabalhava sem conscientização, de forma ilegal, e depois passamos a ter a conscientização, o conhecimento que foi repassado por meio dessa parceria.

Em 2013, protocolamos o primeiro documento chamado de APAT (Autorização Prévia à Análise do PMFS). Houve muitas trocas de gestores, nunca conseguimos passar mais que dois, três anos com o mesmo gestor. Em 2014, veio o Sr. Agostinho, gestor do ICMBio que tem muito conhecimento, que conhece a nossa realidade. Em 2015 aprovou-se o plano de manejo pelo ICMBio. Em 2016 faltou o recurso e vamos explorar em 2017, o plano de manejo da comunidade envolve 21 mil hectares e 25 famílias.

Em seguida, o Sr. Evandro fez a apresentação de um mapa dos limites da Reserva Extrativista Verde para Sempre, com seus limites hidrográficos.

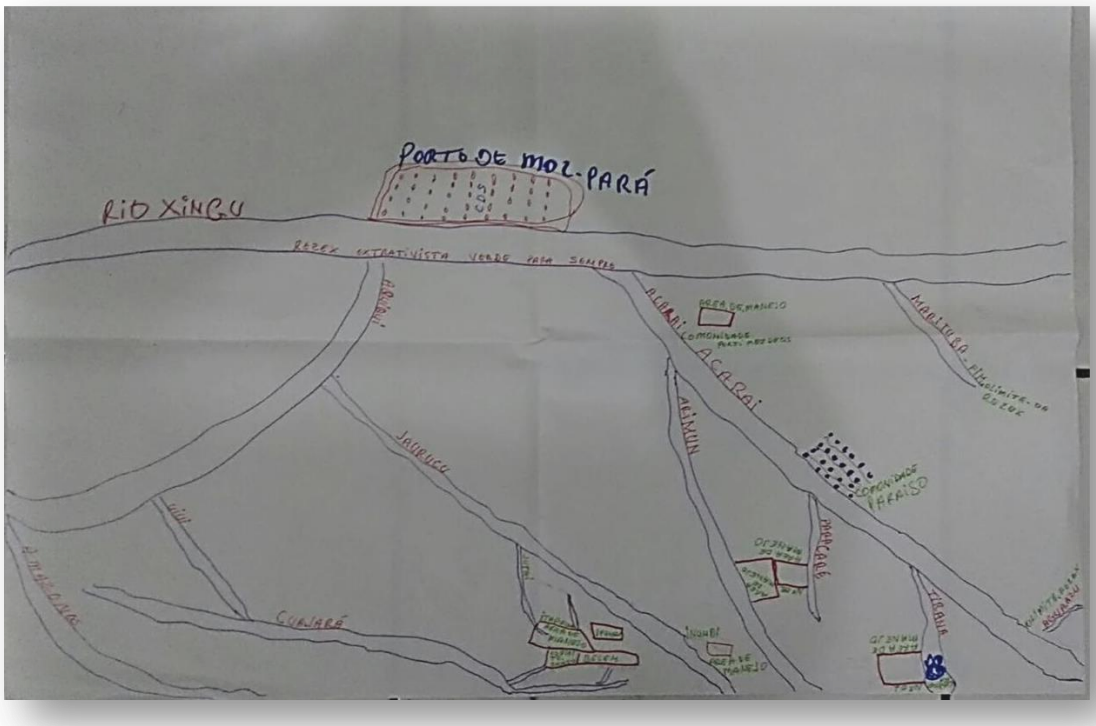


Figura 10. Mapeamento das comunidades e áreas de produção na Resex Verde para Sempre.

Perguntas e esclarecimentos

- **Tantico (Morador Resex Chico Mendes):** onde estão as comunidades, mais perto da cidade ou da floresta? E como se reúnem?

Resposta - Manoel: nós moramos no interior da floresta. Moramos distante, a distância dele (Evandro) é de 11 horas, já a minha é de 6 horas de barco para a sede do município. Nos reunimos duas vezes por mês.

- **Karen (UF):** como vocês se reúnem, quantas pessoas, são as lideranças que participam?

  Resposta - Manoel: todo mês, de início, nós nos reunimos duas vezes por mês na sede do município. Sempre são as lideranças. Todas as comunidades mandam suas lideranças para sede do município. O CDS é um centro de comunicação, ele passa por rádio a mensagem e a gente se reúne (o CDS reúne com 27 associações) é o centro de comunicação, ele foi criado para dar sustentabilidade para as associações.

- **Marcelo (MPAC):** vocês falaram que não tiveram recurso para fazer a exploração, como que está o planejamento de vocês para esse ano?

  Resposta - Manoel: o Serviço Florestal Brasileiro por meio de projetos conseguiu recurso de 550 mil para a execução da exploração de 2016, mas por não ter adiantamento, nós não conseguimos atender o prazo. Aí nós mandamos ofício para o ICMBio para renovar a AUTEX. Agora conseguimos a venda direta, conseguimos antecipar a venda, e conseguimos o adiantamento do recurso para a exploração.

- **Ana Luiza:** como que vocês estão vendo a questão financeira, como que vai ser usado esse dinheiro?

  Resposta - Manoel: na verdade nós temos uma proposta criada. Nós temos um cronograma. Através do SFB, concordamos de criar um fundo de investimento, e o fundo comunitário de educação e saúde. Também pensando na segunda exploração, para a gente ter esse recurso para não pedir adiantamento da empresa. Nós temos uma ajuda do governo e nós vamos nos estruturar para a próxima exploração. A associação não tem como ratear recurso, por isso criamos o fundo comunitário, para beneficiar a comunidade. A experiência do Arimum foi um guia, a gente analisa: como ele trabalhou? E como ele está trabalhando? Lá 48% ia para a terceirização, 52% ficava na comunidade. Agora nós fizemos o inventário, com pouco recurso. O IEB está pagando técnico, estamos tendo ajuda do governo federal, porém não temos do governo do estado, nem do governo municipal, nunca tivemos. Eles ficam do lado dos empresários. Com o governo do município, nós nunca tivemos parceria com ele, a gente vem tentando, mas não conseguimos. Todo governo que entra fica do lado dos empresários, que querem de volta a nossa terra da Reserva.

- **Cida (SOS Amazônia):** é mais um comentário, porque eu acompanhei um pouco desse processo de criação, o Acre é um estado que tem muitas áreas protegidas, o governo tem toda uma política que propicia o desenvolvimento sustentável, se envolve com a questão do manejo comunitário. E agora tem se envolvido no manejo de não madeireiro também. Você falou que tanto município quanto estado não se envolve, como que o ICMBio se relaciona? Como vocês falaram do novo gestor que é

uma pessoa que conhece a realidade, isso é algo muito importante. Como que ficou as reuniões do conselho? Como acontece? Como o plano de manejo da UC tem sido implementado?

Resposta - Manoel: na verdade eu fui conselheiro por 8 anos, cada comunidade tem um conselheiro, um titular e um suplente. Toda reunião do conselho, eles abrem o precedente para levarem os comunitários e também lideranças, sempre que acontece as reuniões do conselho sempre tem as lideranças e comunitários participando. Porque sempre tem esse gargalo com esse governo do município e estado, e esse conselho é o lugar da gente poder falar. Agora com esse novo gestor, o ICMBio tem dado mais fortalecimento aos conselheiros, e como nós recebemos treinamento a gente atua como fiscalizador, temos mais voz. Os conselheiros se juntam com as comunidades e os madeireiros ilegais tem se enfraquecido. O ICMBio tem sido parceiro das comunidades.

- **Nésia (IMC):** quero parabenizar a apresentação, e dizer que eu não conheço muito bem essa região e eu gostaria de saber: além da atividade madeireira que atividades vocês realizam?

  Resposta - Manoel: a gente sempre trabalhou com a agricultura e com a pesca. Agora a gente está fazendo o manejo do açaí nativo, e estamos retomando uma grande riqueza que temos, que é a castanha-do-brasil.

- **Nésia (IMC):** vocês ainda não exploraram, não há uma pressão econômica sobre o recurso florestal madeireiro para dar um retorno imediato? Por isso queria entender o que vocês exploram na área.

  Resposta - Manoel: a gente está fazendo o que sempre fez, agricultura, pesca e tudo isso que eu já falei. A paciência que nós temos é para não errar, não colocar o carro na frente dos bois. O manejo madeireiro será complementação da renda, não é a única fonte de renda. Temos que ter produto, de uso múltiplo, o que tiver na floresta nós vamos explorar, mas nós estamos engatinhando.

- **Seu Silva (Morador Resex Chico Mendes):** lá tem castanha, não tem seringa? Vocês separam as áreas? Aqui nós temos muitas atividades. Aqui tem muitas castanheiras. Como é lá?

  Resposta - Manoel: seringa não tem, as seringueiras são improdutivas. Tem agricultura, tem açaí. O maior castanhal ficou dentro da área de manejo, porém vamos retomar a coleta da castanha. Tem muito potencial na Resex Verde para Semre que nós ainda vamos explorar quando a gente avançar.

Após finalizar o espaço de perguntas e esclarecimentos do Caso 1, a facilitadora convidou Iran Pires do IFT para apresentar o Caso 2.

Caso 2 - Reserva Extrativista Ituxi - Lábrea - Amazonas

Representante: Iran Pires (IFT)

Agradece o convite da organização do evento e com a anuência das comunidades e associação apresenta o caso da Resex Ituxi. Diz que é um exemplo bem diferente dos relatos anteriores, do ponto de vista da formação da comunidade, do tamanho da área, das dificuldades, principalmente pelo fato do transporte ser pelo rio.

A Resex Ituxi fica no estado do Amazonas, criada em 2008, no município de Lábrea. Em 2012 surge a questão do manejo madeireiro comunitário, e começam as discussões. Na Resex Ituxi o contato foi por meio de um projeto do Banco Mundial, levado pelo SFB. O projeto desmitificou o que era o manejo madeireiro comunitário. Lá já tinha a exploração ilegal de madeira, mas eles queriam ultrapassar essa fronteira. O IFT, em 2012, levou sensibilização e capacitação para o MFC, e eles se sentiram confortáveis e a partir daí começaram a buscar parceiros. Em meados de 2014 foi aprovado o manejo, depois iniciou-se a exploração. E lá por ser uma área menor, ter muitas dificuldades de deslocamento, o manejo é de baixa intensidade, 10m^3/ha. Lá a terra firme não é tão firme, não possibilita a entrada de maquinário de grande porte, requer o uso de força manual, manejo de baixa intensidade. A liberação do POA (Plano Operacional Anual) e da AUTEX foi em 2014. Como as demais, houveram problemas de comercialização. Sendo que, apenas em 2016, é que efetivamente houve a exploração.

As comunidades estão localizadas ao longo dos rios Ituxi, Punicici e outros. As áreas para manejo da madeira foram identificadas como aptas para exploração, e vão atender, 3 a 4 comunidades próximas. As comunidades não tinham conhecimento sobre o manejo, não sabiam a direção correta, as etapas de planejamento, pré e pós-exploratório. As comunidades junto com IFT, o órgão estadual, a associação comunitária APADRIT (Associação dos Produtores Agroextrativistas da Assembleia de Deus do Rio Ituxi), e uma série de parceiros tanto financeiros como não financeiros, atuaram na capacitação para ter a primeira iniciativa para exploração. O carro forte lá é a castanha-do-brasil, depois vem a madeira e outros produtos. A recente cooperativa criada tem sido importante e vai trabalhar com castanha e também pescado. Os apoiadores financeiros são o Fundo Vale, O Serviço Florestal dos Estados Unidos e a Fundação Bando do Brasil. O projeto comunitário de uso da madeira, chamado Empreendimento Angelim, teve uma exploração em 2016, e terá um segundo POA finalizado em 2017.

Na primeira exploração tiveram muitos problemas. Mesmo com os esforços na organização e preparação. O jeito das pessoas trabalharem estavam muito ligados aos seus quintais, as pessoas trabalhavam na pesca, na agricultura e acabavam saindo da atividade do manejo para fazer essas outras atividades do dia a dia. Para ir buscar o rancho (alimentos) da semana demora 4 dias, é algo muito complicado. Mas também tem pontos positivos, que é o envolvimento da juventude e das mulheres. No caso da APADRIT, as mulheres se envolvem no inventário, corte, planejamento, arraste, e no romaneio, e os

jovens também. Os jovens têm uma responsabilidade imensa para garantir as atividades para os próximos anos.

Os compradores são movelarias e marcenarias locais. Outro ponto positivo foi que para as empresas fazerem as compras elas precisavam estar legalizadas, (os pequenos grupos moveleiros não estavam preparados, e houve cerca de 8 meses de atraso na venda por conta da não legalização da madeira). Houve um trabalho com os parceiros para legalização dos compradores, que hoje estão preparados operacionalmente, e estão motivados para continuar. Teve um projeto do Banco do Brasil (em que IFT e outros parceiros ajudaram a executar), este projeto ajudou muito a comunidade, foi comprada uma balsa para 100 toneladas para transporte de madeira e da castanha, equipamentos para o manejo, como motosserras e um trator. A experiência que eles tiveram com a madeira, eles estão tentando levar para outros produtos, como é o caso da castanha.

Em relação ao monitoramento dos impactos, são poucas iniciativas que eu conheço na Amazônia. Tem muitos parceiros na área de organização financeira e de capacitação. Lá está acontecendo monitoramento da qualidade do manejo (por meio de parcelas permanentes), de danos e desperdícios. Está tendo agora uma fase de avaliação de riscos; pensando naquilo que conseguimos aprender, pensando na exploração do próximo ano. A fiscalização da madeira ilegal acontece por meio dos moradores que fazem parte do conselho. Em relação a exploração ilegal, lá é muito tranquilo por conta das dificuldades operacionais e limitações de mercado. O produto deles é muito diferenciado, vendem o produto semi-processado em pranchas, para um mercado bem especifico.

Figura 11. Representante do IFT apresentando o caso da Resex Ituxi.

Perguntas e esclarecimentos

- **Cristina (SFB):** quem está fazendo a análise de risco?

  Resposta - Iran: o IFT e com participação forte de da APADRIT.

- **Cristina (SFB):** essa captação de recurso para investimento como foi?

  Resposta - Iran: foi pela Fundação Banco do Brasil - Projeto Ecoforte Extrativista (gestão do recurso foi feita pelo IFT, compra de balsas, trator, motosserras); com

recurso advindo do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

- **Juliana (UFAC):** queria entender como é feito o uso do trator, se é para preparo do solo ou para uso no manejo madeireiro?

  Resposta - Iran: Lá o uso é para o manejo. No Ituxi a trabalho é manual, carregando madeira no ombro mesmo. E foi aberta em uma área, onde eles carregam as pranchas no ombro, ou no trator com carreta de pequeno porte. Esse foi um desenho que o IFT ajudou a fazer, para retirar esse trabalho manual. Eles retiram a madeira de forma manual até a estrada principal, e de lá o trator agrícola carrega até a beira do rio.

- **Bruno (BVRio):** porque o produto é prancha e não tora?

  Resposta - Iran: a questão é operacional não tem como descer skidder, tratores para arraste de toras na área. Lá tem bolsões, lagoas que impedem uso de máquinas. É prancha por conta de o mercado local exigir esse tipo de produto (mercado específico). São 19 espécies exploradas na modalidade de pranchas. Tem o ganho que o valor agregado é maior, é claro. Contudo, o rendimento do motosserra para processamento é baixo.

- **Alcir:** como é o envolvimento dos moradores? Como é o papel dos moradores? Como é a priorização da atividade?

  Resposta - Iran: surgiu a oportunidade em 2012 de realizar o manejo da madeira, lá só tinha a opção da exploração ilegal, botar na canoa e vender. Depois de todo um trabalho, IFT trouxe a opção de legalizar e vieram as lideranças puxando a comunidade, depois houveram treinamentos e capacitações. E existem os manejadores operacionais, e tem aqueles que saem da reserva para buscar os compradores. Caímos no mesmo problema que os outros, começaram as explorações sem recurso em caixa, foi um problema, não tinha capital para custear o rancho, combustível, com perspectiva de receber apenas no final da exploração. Tinha a necessidade de capitalização, porque as pessoas precisam garantir o sustento de suas famílias, e iam fazer outras atividades. Não tinha começo, meio e fim para executar dada atividade.

- **Marcos Jorge (CTA):** você falou que com a balsa é mais fácil chegar em Lábrea, como é isso, é o ano todo? Tem influência do período da cheia? Como é essa dinâmica da comercialização?

  Resposta - Iran: tem época que é inviável a saída por balsa. E tem também a agenda do pirarucu, da castanha, que é respeitado, porque a madeira está lá para complementar e não substituir outras atividades.

- **Marcos Jorge (CTA):** você falou da participação dos jovens e das mulheres. Quem cuida de notas, dos recursos, administra registro de vendas?

Resposta - Iran: a parte técnica, o licenciamento quem faz são os parceiros (parceiros externos e locais), e lideranças comunitárias qualificadas. O estado forneceu técnico para auxiliar na regularização dos compradores. A APADRIT cuida dos recursos, e da negociação com empresários.

- **Tantico (Morador Resex Chico Mendes):** como vocês chegaram ao preço da madeira? O preço em prancha, como foi estipulado?

  Resposta - Iran: foi com o encontro de compradores locais e representantes das lideranças locais, frente a frente. Foi negociável, de acordo com os preços de mercado já conhecidos pelo grupo.

- **João Paulo (SEMA AC):** como é a questão do resíduo?

  Resposta - Iran: a área de efetiva exploração é pequena. O sistema de baixa intensidade permite 10m^3/ha. Tem área que dá menos de meia árvore por ha. Na hora do desdobro, é complicado, as árvores são muito finas de 50 a 60 cm de diâmetro. Uma árvore de 55 de diâmetro, é complicado tem muito resíduo. Mas mesmo assim está tendo 38% de rendimento. Desse ponto de vista está tendo muito resíduo.

- **Ana Luiza (UF):** como foi a experiência do transporte alternativo das pranchas?

  Resposta - Iran: foi um experimento de testar tecnologias de baixo custo. Definimos um sistema de arraste primário da prancha com trator de pequeno porte do tipo tobata (foi possível transportar meio metro cubico por viagem) e também na moto com carreta de pequeno porte. Todos disponibilizados pela comunidade.

Almoço

Caso 3 - Reserva Extrativista Mapuá - Breves - Pará

O representante comunitário Sr. Arnaldo, saudou aos participantes e iniciou a apresentação. A RESEX Mapuá, fundada em 20 de maio de 2005, tem uma área de aproximadamente 93.700 ha e 726 famílias cadastradas. Em 2007, foi feito o levantamento das famílias, teve o projeto de fomento feito pelo INCRA, e mais de 100 famílias foram beneficiadas, também com construção de casas. De lá para cá, buscaram parceiros e participaram de intercâmbios.

Em 2012 visitaram a Resex Verde para Sempre e, nesse mesmo ano conheceram o IFT, no Centro de Manejo Florestal em Paragominas. Em 2013, o técnico do IFT, Iran Pires, esteve na comunidade fazendo a prospecção para o manejo comunitário a pedido do ICMBio e comunidades. Depois as comunidades tiveram apoio do ICMBio, Emater e IFT. Nessa época, em 2014, foi realizado um seminário com os parceiros em Breves.

Trabalharam na organização do manejo madeireiro, pois retirar madeira ilegal não é alternativa para ninguém. Queremos fazer o manejo para ter um planejamento, valorizar a nossa madeira, a nossa floresta, especificar o que pode o que não pode tirar. Agora estão na

fase de elaboração do projeto e Plano de Manejo Comunitário Sustentável. Eles têm cuidado historicamente da floresta, e a atividade principal é o manejo de açaí. Também já possuem uma cooperativa em funcionamento.

Figura 12. Representante da Resex Mapuá.

Perguntas e esclarecimentos

- **Lúcia (Embrapa):** vocês ainda estão na discussão se a área de manejo será comunitária ou individual?

  Resposta - Arnaldo: não, a gente só vai ter área de manejo comunitária.

- **Lúcia (Embrapa):** e hoje qual é a principal atividade que vocês realizam?

  Resposta - Arnaldo: a atividade de renda principal é o manejo do açaí.

- **Ana Luiza (UF):** como foi a discussão de explorar a madeira na área em que as famílias estão? Como está essa discussão em explorar na área de família ou na área da comunidade, esse desafio foi discutido com o ICMBio?

  Resposta - Arnaldo: a área que nós vivemos terá um projeto de manejo da associação Boa Esperança. O rio Aramã tem outra área que será feito o manejo comunitário. E tem famílias isoladas no braço do rio Torrado. Esse projeto é comunitário.

- **Cristina (SFB):** para explorar, vocês vão sair da área de vocês para ir para a área comunitária?

  Resposta - Arnaldo: sim, a exploração vai ser feita na área comunitária e será preciso sair de nossas áreas em alguns casos.

- **Cristina (SFB):** como vocês acham que vão tirar e para onde vão vender a madeira?

  Resposta - Arnaldo: vamos vender para as empresas. E a gente vai tirar, abrindo o caminho na beira do igarapé, fazer a roçagem, abrir a trilha (para passar o calango), quando a tora é grossa, de 3m de roda, a gente corta em quatro e tira. Passa o cabo de um lado para o outro, e tira da floresta para vender.

- **João Paulo (SEMA AC):** o que é calango?

  Resposta - Arnaldo: a gente tira duas varas de acordo com o cumprimento da tora prega umas travessas, mete o trado ou furadeira, e parafusa as travessas, para fazer o arraste.

  Iran (IFT): o calango é como se fosse uma escada, eles rolam a tora em cima da escada. E fazem o transporte da tora em distâncias de 200 a 300m, sendo considerado como arraste manual.

- **Junia (Imaflora):** em qual etapa que está o manejo?

  Resposta - Arnaldo: teve levantamento de campo em 2016. Vendo o potencial madeireiro, dizendo que tem capacidade para gente fazer o trabalho. Estamos na fase da APAT.

  Alcir (Emater-Pará): o processo deles é um processo inicial, teve prospecção do potencial para o manejo da madeira. Agora está sendo estudado a melhor forma, pois será arraste manual, transporte no rio para depois chegar na comunidade, para depois chegar na serraria. Foi escolhido uma área contínua para que as 17 famílias possam realizar o manejo. Daqui um ano nós vamos poder dizer qual vai ser o sistema de exploração, se vai continuar com o calango, se vai dá de entrar uma máquina pequena, muitas perguntas serão respondidas ao longo desse um ano.

  Iran (IFT): lá tem 200 serrarias familiares, vamos desenrolar nesse um ano para onde vamos vender, se o mercado local vai ser capaz de absorver esse produto.

- **Lucilene (Moradora Resex Chico Mendes):** tem animal de arraste, boi de carroça?

  Resposta - Arnaldo: não, ninguém faz uso de animal.

- **Ana Luiza (UF)**: quantas serrarias tem no Rio Aramã, quem são os donos?

  Resposta - Arnaldo: no Rio Aramã são 25 serrarias, na realidade tem 24, uma parou de funcionar. São serrarias fixas, serram 10 a 15m^3 por mês, e eles não serram todo dia.

- **Karen (UF):** qual o tamanho das toras? Os donos das serrarias quem são?

Resposta - Arnaldo: tem árvore de 100 cm diâmetro até 3 m de diâmetro (cortada em 4 bandas). São serrarias familiares.

Iran (IFT): as serrarias são familiares, a madeira é da própria área, eles mesmo que trabalham, primos, sobrinhos. O atravessador compra madeira e se não vender em Breves, vai até Belém. Vai no risco, porque a madeira é ilegal.

Arnaldo: na Resex Mapuá tem uma associação mãe, tem outras associações agroextrativistas e uma cooperativa. São 14 comunidades que estão cadastradas no conselho da Reserva.

Finalizada as apresentações dos casos de Pará e Amazonas, os participantes do encontro se reuniram em grupos menores conforme metodologia descrita para debaterem em casos em 30 minutos.

Figura 13. Participantes do evento nos debates em grupos após apresentações dos casos.

3.7. Apresentação dos trabalhos de grupo

Grupos - Cumaru e Angelim

Pergunta norteadora: Qual o papel que os moradores desempenham? E os Parceiros? O que pode melhorar?

Moradores:

- Iniciativa para o manejo florestal vinda dos comunitários, é um diferencial, presente nos três casos (vale a pena comparar com a iniciativa do governo);

- Organização social bem estruturada (a presença das associação e criação de cooperativa);
- Lutas extrativistas, a experiência da realidade deles e aqui temos o caso da Resex Chico Mendes como exemplo;
- Articulação tanto para projetos quanto para comercialização da madeira (caso da Resex Verde para Sempre);
- Experimentações, caso que o Iran falou, de novas técnicas para o MFC, com o uso de moto no transporte da madeira;
- Execução de atividades (redução de custos), eles mesmos vão operar os skidders, tem conhecimento para fazer os inventários;
- Gestão comunitária como a criação dos fundos para gerir a venda da madeira, de forma a se capitalizar para a próxima exploração.

Parceiros:

- Capacitação (IFT está de parabéns, os termos técnicos que eles abordam, demostram conhecimento);
- Assessoria técnica (Emater, IFT e outros parceiros);
- Apoio financeiro (Fundação Banco do Brasil, Fundo Vale e outros);
- Sensibilização para o MFC (perspectiva do coletivo, as instituições trabalham o comunitário, não é a exploração pela exploração e não é "a minha exploração");
- Experimentação de novas técnicas;
- Mercados (prospecção para viabilizar um preço melhor);
- Fiscalização (discutimos muito a competitividade entre manejo comunitário e a madeira ilegal; ICMBio atuou de forma importante na gestão por conta de legalizar as serrarias da região);

Observação (Alcir, Emater-PA): como está sendo feito na Resex Mapuá, o ICMBio podia fechar as serrarias, mas decidiu chamar o grupo de donos de serrarias para se trabalhar a legalidade (sensibilização desses atores), futuramente a gente só vai ter madeira legal, marcenarias e serrarias legalizadas.

O que melhorar?

- Acesso a mercados diferenciados (madeira oriunda de UCs, por meio da certificação FSC);
- Melhoria de padrão tecnológico;
- Tecnologia apropriadas (serraria portátil no lugar do motosserra - realizar o licenciamento);

- Qualificação da gestão das organizações sociais (ser protagonista);
- Apoio do estado e município (lá eles não têm apoio do estado e do munícipio);
- Políticas públicas.

Grupo - Cedro

Pergunta: Quais os benefícios do MFC?

- Fortalecimento e empoderamento das comunidades e capacidade de autogestão das mesmas;
- Aumento da valorização da floresta e seu potencial produtivo (discussão do mercado levou à retomada da produção de açaí e castanha);
- A organização social permite o acesso a políticas públicas (capital social);
- Abordagem do uso múltiplo da floresta (ex. margens dos rios – manejo de açaí e terra firme – manejo madeireiro);
- Visão da busca da sustentabilidade: "queremos floresta para nós, nosso filhos e netos";
- Pacto pela legalidade (a família que não entrou no MFC não pode explorar ilegalmente na área comunitária da Resex);
- Legalização da cadeia produtiva (o MFC influenciou a legalização das serrarias de Lábrea). Frase Sr. Arnaldo "tendo madeira legal, o clandestino não entra"
- Menor impacto sobre a floresta e aumento do planejamento garante sustentabilidade dos recursos florestais para as próximas gerações;
- Cumprimento do papel institucional das organizações de governo e suas políticas, ainda que em pequena escala;
- Arranjos institucionais são fundamentais (governo municipal + estadual + federal + ONG´s);
- Aumento do acesso a políticas públicas – o MFC melhorou o acesso a escolas e a serviços de saúde, via melhorias de ramais com piçarra;
- Promove a discussão coletiva das alternativas econômicas vindas da floresta.

Reflexão: para substituir o bovino pela madeira, na Resex Chico Mendes, por exemplo, a madeira tem que dar uma boa renda.

Grupo - Mogno

Pergunta: Quais os custos ambiental, social, econômico e político desta atividade?

Custo social:

- Tempo (dedicação do tempo para o exercício da atividade do manejo – antes, durante e após a execução);
- Conflito entre comunidades (pode custar a harmonia do local);
- Conflito pela repartição dos benefícios (ex. se vai fazer um investimento na comunidade ou na minha propriedade);
- Indecisão quanto ao querer ou não participar (muita gente fica de fora por falta de preparação, informação);
- Perda de individualidade (pensar no coletivo, repartindo com a comunidade).

Custo Econômico

- Custo para capacitação/treinamento/ sensibilização;
- Custo de licenciamento, operação e manutenção do manejo.

Custo ambiental

- Alteração do meio ambiente;
- Como contornar alterações na floresta;
- Optar pelas melhores escolhas adequadas a realidade local;
- Atividade com menor impacto possível;
- Atividade de baixa intensidade.

Grupo - Itaúba

Pergunta: Quais as lições aprendidas?

- Necessidade de estabelecer parcerias (áreas técnicas, pesquisa, comercialização);
- Adequação para as demandas do mercado (mercado exige madeira serrada, tora);
- Envolvimento das mulheres e jovens;
- Sem planejamento e organização não vale a pena;
- Que lição levaria para a minha comunidade?
    - Da Resex Verde Para Sempre para a Chico Mendes - não terceirizar a venda da madeira e as operações e ser responsável pela gestão, pode dar certo.
    - Resex Verde para Sempre para a Ituxi - venda de produtos com maior valor agregado.

Grupo - Cerejeira

Pergunta: O que fizemos e que devemos continuar?

- Receber apoio externo, mas não ser dependente;
- Criar fundos de investimento;
- Buscar se capacitar ao longo do processo;
- Assumir mais a gestão da atividade;
- A organização como agente de transformação local (organização para o manejo já permite a organização para outras atividades).

Pergunta: O que não devemos fazer?

- Não ser dependente (ter formação comunitária para atuar no manejo, inclusive formar pelo menos um técnico da comunidade);
- Não se tornar dependente da atividade (a madeira não é a solução, é uma das alternativas);
- Sempre avaliar "serrar pode não agregar"- dependendo da realidade pode não ser o melhor vender serrado, é preciso avaliar as perdas do processo e o retorno econômico, além da demanda do mercado local.
- Para reflexão: manejo florestal comunitário *versus* manejo florestal na comunidade.

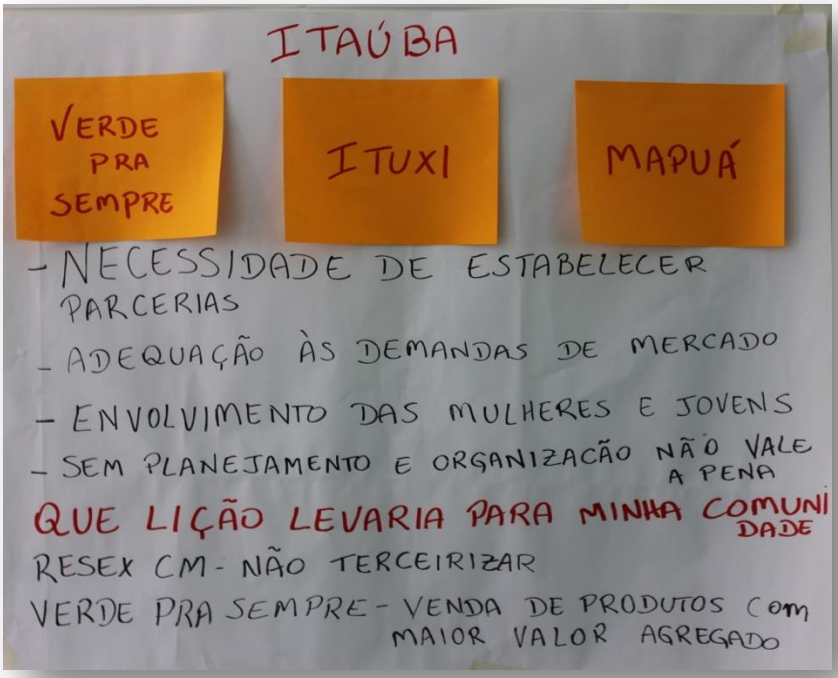


Figura 14. Resultado debate do grupo itaúba.

3.8. Apresentação: Grupo de Trabalho do Manejo Florestal Comunitário do Marajó

Alcir Borges, Emater-PA

Trabalhar na região do Marajó é um desafio muito grande, numa área tão diversa, com uma parte de campos naturais, outra de influência marítima e outra parte de floresta. Nos últimos 3 anos estamos com uma nova estratégia de realizar a ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) com enfoque na floresta, que chamamos de "ATER florestal". Assim, hoje estamos aqui convidados tanto quanto Emater, quanto GT.

O GT é um grupo de trabalho que atua na região do Marajó, em quatro municípios: Breves, Oeiras do Pará, Curralinho e São Sebastião da Boa Vista. E atua em comunidades de Unidades de Conservação, é o GT do Manejo Comunitário.

O GT é um arranjo interinstitucional. O grupo de trabalho é composto por várias instituições: ICMBio, Emater-Pará, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), IEB e IFT. Mais recentemente tivemos a entrada do INCRA e IDEFLOR-bio (Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará).

Um dos princípios para a participação no GT é a boa vontade em colaborar, não necessariamente com recursos financeiros, mas principalmente com boa vontade. O GT atua em quatro municípios e três reservas extrativistas, sendo elas: Terra Grande-Pracuúba (Curralinho e São Sebastião da Boa Vista), Mapuá (Breves), Arióca-Pruanã (Oeiras do Pará).

O objetivo do GT é fomentar o desenvolvimento do manejo florestal realizado por populações tradicionais do Marajó, que vivem dentro das reservas. O primeiro produto do GT foi o diagnóstico de todas as serrarias de dentro e no entorno da Resex Mapuá.

Nós percebemos que cada instituição estava no seu quadrado, e a gente precisava se integrar. Até que houve uma provocação do IFT junto com o ICMBio que nos chamou e aí começou nossa história.

No ano passado o IFT apresentou a história do GT para o IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal) como estratégia de governança socioambiental, e foi premiado como uma boa prática. O grupo tem trabalhado dentro da Resex Mapuá com a governança socioambiental, já realizaram um encontro de nivelamento técnico, tendo como ponto de partida a Instrução Normativa n. 16/2011.

No início, o GT tinha um enfoque muito direcionado para madeira, e como cada instituição podia se enxergar dentro desse processo. E dentro das reservas nós temos as organizações sociais, temos os produtos florestais não-madeireiros, e a partir desses elementos começamos a nos enxergar dentro desse processo.

Depois realizamos o seminário sobre e MFC em UCs do Marajó em 2014, na cidade de Breves (mobilizamos comunitários das 3 Resex), onde fez-se o exercício de ter um algo diferenciado que demostre uma realidade de trabalho. Temos um plano de trabalho que envolve: a organização social, o planejamento, a execução, e a comercialização de produtos.

Nas visitas que realizamos nas reservas, encontramos as mulheres que estavam trabalhando com os óleos, com artesanato de cipós. Encontramos um grupo, e começamos a fazer um trabalho com elas, a líder Dona Rita fazia extração de óleos, e artesanato com encauxados. O coletivo evoluiu. Elas vendiam o óleo em garrafas de 51, vendiam 1 litro de óleo de andiroba por R$ 25,00. Com o fracionamento das embalagens elas passaram a vender meio litro por R$ 25,00. Elas passaram a fazer uma embalagem própria com o encauxado. E hoje o coletivo continua. E a logo representa os óleos, representa a floresta e representa as mulheres.

O modelo de MFC é amplamente discutido, e é bem desafiador, por conta da nossa realidade. Desafiador pois da boca do rio Mapuá pode levar até 12 horas para chegar na cidade, o custo Marajó é muito alto (litro de combustível é muito caro), e uma série de outros fatores. Outro desafio é sair do individual e trabalhar o coletivo; além disso é necessário fazer o envolvimento com as reservas vizinhas e com outras comunidades.

Nesses três anos, nós fizemos via GT os mapeamentos participativos para a gestão e uso de floresta, as caravanas de mobilização para o MFC, preparação de ATER florestal para fazer inventários, catalogação e outras coisas.

Dentre as atividades construídas nós tivemos: o levantamento do potencial florestal, elaboração das APAT's, elaboração do PMFS Resex Mapuá, fortalecimento das cooperativas, estruturação da cadeia de valor da madeira, estruturação da cadeia de valor do açaí, replicar ações da Resex Arióca-Pruanã e Terra Grande-Pracuúba e manutenção do GT MFC do Marajó ativo e atuante.

Lições aprendidas

- Discutir de forma participativa com os atores locais;
- Fortalecer a organização social e institucional;
- Trabalhar aspectos de comunicação institucional;
- Envolvimento de jovens e mulheres;
- Uso de geotecnologias;
- Disseminar resultados e lições aprendidas;
- Parcerias envolvendo diferentes atores e setores.

Desafios da agenda

- Limitações legais, quanto à complexidade do MFC, volume de madeira, biodiversidade, necessidade de simplificação da regulamentação da atividade;
- Dificuldade do MFC entrar na agenda do governo, de fortalecer sua promoção, e diminuir a distância dos órgãos competentes;
- Necessidade de ampliação de assistência técnica, ampliação do quadro técnico. Por conta da crise, corte de contratos caiu de 50 para 14.

- Recursos financeiros, necessários para realização mínima de atividades.

Perguntas e esclarecimentos

- **Iran (IFT):** o GT MFC do Marajó tem aplicabilidade para outros locais?

  Resposta - Alcir: sim, se as instituições saírem da sua zona de conforto, para discutirem seus potencias e o que cada um pode fazer, as coisas acontecem. É uma estratégia importante de ser trabalhada.

- **Marcos (CTA):** o que foi feito foi otimização de ações e é possível de ser replicado, foi feita uma articulação institucional. O momento é crítico e muitas das vezes as ações se sobrepõem. Porque não nos unimos e fazemos ações conjuntas?

- **Tantico (Morador Resex Chico Mendes):** o que existe dentro da Resex Chico Mendes de uma política pública dentro da reserva? É preciso discutir e fazer acontecer.

- **Bruno (BVRio):** o GT MFC do Marajó ajuda no processo de comercialização?

  Resposta - Alcir: da madeira não, porque ainda está em discussão, mas creio que terá. Quanto aos produtos florestais não madeireiros a gente tenta enxergar mercados (BERACA compra semente, frutos da região e a Natura nos procurou por conta da história, a gente faz a ponte e conta a história dos grupos).

- **Lucia (Embrapa):** para manter o grupo, precisa ter uma liderança para fazer as coisas acontecerem. Aqui no Acre teve uma iniciativa de GT da Cadeia da Castanha, e enquanto era voluntário funcionou aqui no estado. Depois chegou uma demanda para institucionalizar e a iniciativa parou. Como fazer para manter?

  Resposta - Alcir: a Ana Luiza foi uma pessoa importante, hoje ela não está lá, mas não saiu do grupo. Essa pessoa é essencial para chamar para reuniões, “puxar orelha”, para perguntar o porquê você não está vindo. O recurso não é o principal e sim a mão da gente, com a vontade de fazer. Hoje tem outra Ana lá, que tem ajudado muito, o ICMBio é muito sensível, e isso é muito importante.

Figura 15. Alcir Borges, Emater-PA, apresentando o GT MFC do Marajó.

Encerramento do dia.

3.8. Abertura do segundo dia

Dinâmica coletiva "escravos de Jó" - aprendizados: ritmo, colaboração, respeito.

Facilitadora Denyse Mello faz a apresentação da programação do dia e uma breve revisão do dia anterior (retrospectiva). Principais pontos relevantes que foram discutidos no dia anterior. Pontos destacados:

- Madeira como atividade secundária;
- Importância das parcerias para que aconteça o MFC, ao mesmo tempo construindo ambiente para menor dependência dos grupos de produção;
- Importância da organização das instituições.

Figura 16. Participantes do evento em dinâmica de abertura.

Em seguida, convidou o Sr. João Paulo, da Comunidade Dois irmãos da Resex Chico Mendes para apresentar o caso da AMOPREX, que é a Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes em Xapuri.

Caso 4 - Reserva Extrativista Chico Mendes - Xapuri - Acre

João Paulo relata que quando a Reserva foi criada todos moradores já eram extrativistas. Tinham um problema que era o marreteiro, e para se livrar do marreteiro criaram uma cooperativa, a CAEX. Nesse tempo a CAEX teve uma área de abrangência muito grande, depois, com o passar do tempo o preço da castanha e da borracha caiu e a CAEX faliu. Assim, sem ter o que vender, decidiram fazer o manejo florestal. O Seringal Cachoeira (PAE Chico Mendes) foi pioneiro, baseados na experiência que eles estavam fazendo, decidiram fazer também o manejo. "Nós discutimos, reunimos a comunidade, entre nós, mas o plano da Reserva nos impedia de tirar a madeira para vender, aí a gente fez reunião com o ICMBio na época, alteramos um pouco o plano da Reserva para a gente poder fazer o manejo. O WWF ajudou na criação das UPA's. E a gente conseguiu fazer o manejo".

Passaram de 2006 até 2014 para aprovação do plano de manejo. O governo financiou a etapa pré-exploratória do manejo (inventários, elaboração do PMFS) e também na infraestrutura: apoiou com uma balsa e depois com o ramal para viabilizar a extração. "A gente não tinha experiência para fazer manejo. Criamos um grupo, mas o grupo não podia emitir nota, aí criamos a cooperativa para emitir nota, a cooperativa foi negociar a madeira para nós. A cooperativa terceirizou uma empresa, nós negociamos e conseguimos colocar a madeira no pátio a R$ 100 reais/m^3, mas a empresa achou que estava com prejuízo, porque as áreas eram muito distantes e ficamos com uma parte de madeira sem tirar, porque ela não tirou a madeira. E toda vida, sempre teve pessoas que queriam ajudar outras que queriam atrapalhar, teve gente que denunciou a gente, e depois de muita luta a gente conseguiu autorização novamente".

Hoje estão com três serrarias portáteis, que processam 3 a 4 m^3/dia. Mas acham que não atende a necessidade, pois a demanda para processamento é muito grande. O lucro líquido que conseguiram tirar da exploração foi R$ 60/m^3, vendendo a madeira em tora.

- **Denyse Mello:** fale sobre como é o processo de tomada de decisão.

João Paulo: o processo para tomada de decisão, aconteceu através da associação, a gente organizou a comunidade, explicamos tudo, criamos um termo de compromisso como todo mundo, para participar das reuniões, a gente não podia faltar mais que 3 reuniões consecutiva, se não tinha que se explicar. Nós temos 11 núcleos de base, mas só 7 estão fazendo manejo, são cerca de 60 famílias trabalhando com o manejo comunitário.

- **Cristina (SFB):** como é a área de manejo? Já foi dito que é diferente do manejo feito no Pará.

João Paulo: Na Resex Chico Mendes cada comunitário têm uma colocação. A minha colocação tem 3 estradas de seringa, eu separei uma e todo ano eu tenho 20 ha para o manejo, e 100 ha eu separei para estar trabalhando no manejo. Todas famílias são assim, tem 20 ha de POA anual.

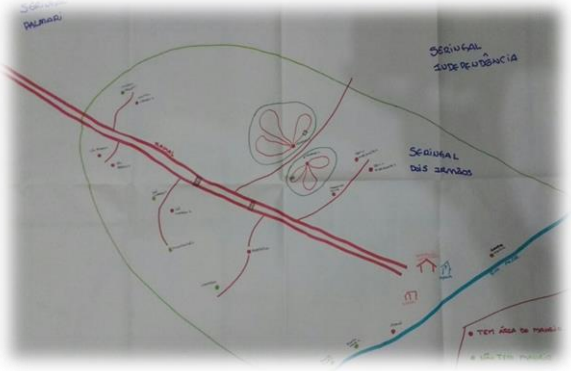


Figura 17. Representante da Resex Chico Mendes apresentando caso de Xapuri.

Perguntas e esclarecimentos

- **Tiago (Cooperfloresta)**: dentro dessa UPA cada extrativista tem uma UT (Unidade de Trabalho), variam de 20 a 40 ha. E elas estão bem distantes uma da outra (de 30 a 60 minutos).
- **Manoel Batista (Morador Resex Verde para Sempre)**: como é feito o licenciamento?

  Resposta - João Paulo: é feito pela associação, esse POA é feito em conjunto, a licença lá é para todos.
- **Alcir (Emater-Pará):** tinha uma cooperativa que trabalhava com a seringa e castanha, e faliu, é isso? E agora tem outra?

  Resposta - João Paulo: Criamos uma cooperativa, a CAEX, que era para gente trabalhar a castanha e borracha, e faliu porque teve um tempo que o preço caiu muito mesmo. Aí criamos uma para o manejo, que é a Cooperfloresta, que ainda existe.
- **Cristina (SFB)**: o estado do Acre tem uma história no apoio ao manejo florestal comunitário, tanto nos PAEs quanto na Reserva. Eu queria entender quantas comunidades fazem o manejo na RESEX? Se são as mesmas comunidades ou são novas comunidades? Para ter uma visão total da reserva.

  Resposta - João Paulo: as comunidades da AMOPREX que estão fazendo MFC e estão explorando são a Dois irmãos, Gurgel, Palmari, Simitumba, Rio Branco, Albracéa. Essas foram licenciadas e exploradas.

- **Clarice (SEMA):** o processo de manejo na Resex Chico Mendes vem desde 2005. No início eram 36 famílias, agora são 99 famílias. Tanto tem famílias que o seu João Paulo falou que foi o pessoal da exploração da AUTEX de 2013, e tem novas famílias que se incorporaram agora, que estão entrando nesse novo POA de 2017, até agora foi o maior número de famílias. A Cooperfloresta entrou com essa parte do subsídio, foi como deu esse passo. Cada um tem sua área, é no mínimo 20 ha, e no máximo 40 ha, mas o ideal é que seja 20 ha. A gente está com esse POA, protocolado no ICMBio, são 99 famílias protocoladas esse ano. O ICMBIO está trabalhando para licenciar. A SEMA e ICMBio estão sempre colaborando com eles e com a Cooperfloresta nesse processo. A SEMA está iniciando um plano de capacitação em cooperativismo e associativismo com recursos do BID (Bando Interamericano de Desenvolvimento).
- **Marcos (CTA):** quando começou a discussão sobre o manejo, o CTA teve um trabalho que começou no PAE Porto Dias, foi a experiência piloto, em 2002-2003, foi instalado uma serraria lá dentro. A comunidade não se adequou, o projeto não se consolidou, ela se tornou dependente das ONGs e governo, ficou dependente, e se eles saíssem o negócio não andava, como não andou. A CAEX faliu, outras também, só depois que foi criada a Cooperfloresta por meio de uma iniciativa da Secretaria de Florestas (pensando em atender a demanda de madeira para a fábrica de pisos, em Xapuri).
- **Lúcia (Embrapa):** quanto ao uso das serrarias portáteis você acha que não foi uma boa alternativa? Você vende a tora e com a serraria você agrega valor? Você tem essa análise?

  Resposta - João Paulo: na cooperativa eles tem essa análise, eu não tenho agora. Para nós é ruim porque a serraria não atende o volume, é muito pouco.
- **Cristina (SFB):** vocês já têm para esse POA a estimativa do quanto vai vender, se vai vender a tora ou madeira processada?

  Resposta - João Paulo: estamos discutindo a possibilidade ainda se vender tora ou madeira processada (tem extrativista que vende na tora, outros já vendem processada). Eu não sei a diferença de preço porque a serraria está em outra comunidade. O caminhão chega lá para buscar a tora.
- **Cristina (SFB):** o caminhão chega até a sua colocação?

  Resposta - João Paulo chega sim.
- **Cida (SOS Amazônia):** em todas as comunidades tem uma relação com a cooperativas. Como é a relação da divisão do lucro? Como é a relação com a Cooperativa? Com o ICMBio?

  Resposta - João Paulo: a gente que está mais próximo tem uma relação boa, tem muitas pessoas que não tem um bom relacionamento até por não entender o que é e como funciona uma cooperativa.

- **Alcir (Emater-Pará):** como que é a relação entre os cooperados que estão na cooperativa a respeito da cota parte, de como é repartido as sobras? Como foi avaliado isso com os cooperados? Quantos cooperados tem, quantos deram a cota parte

  Resposta - João Paulo: eles entraram sim, com 250 reais de cota. Tem reunião, assembleia, para dizer porque é aquele preço, quanto vai receber. A madeira foi tanto, o gasto foi tanto e vai sobrar tanto.

Denyse Mello faz uma consideração que seria importante algum representante da Cooperfloresta para responder esses detalhes. Convida então os representantes da Associação de Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Brasiléia e Epitaciolândia (AMOPREB) para apresentação das experiências.

Caso 5 - Reserva Extrativista Chico Mendes - Epitaciolândia e Brasiléia - Acre

Representantes: Severino Silva e João Gomes (Seringal Porvir – Associação Wilson Pinheiro); Francisco e Lucilene (Seringal Filipinas - Comunidade Boa Esperança); Francisco Melo e Francisco Nogueira (Seringal Porongaba).

Sr. Silva inicia a apresentação agradecendo pelo momento, diz que é muito importante pois estão aprendendo muito com os comunitários dos outros estados, com os técnicos. Ressalta que não tem nenhum representante da diretoria da AMOPREB presente, e por isso cada um vai falar do caso de sua comunidade e seringal particularmente e não como AMOPREB.

A criação da Resex Chico Mendes aconteceu em 1994/1995 e logo foi criada a AMOPREB. Naquela época, a Reserva era muito carente de saúde, educação e ramal, de entendimento, para entender os técnicos, e havia um projeto (Projeto Resex) que ajudou muito nessas questões. Seu Silva trabalhou 9 anos como agente ambiental, participava das reuniões no IBAMA, para conhecer como lidar com os assuntos da Reserva. “Alavancamos muitas coisas, tivemos um bom governador com as causas da zona rural, que apoiava a causa da Chico Mendes, em questão de escola e saúde, que foi o Jorge Viana. Falta algumas coisas, o ser humano nunca vai estar satisfeito com as coisas, mas a nossa vida na Reserva melhorou muito, muito mesmo”.

Lucilene faz um histórico da discussão do manejo madeireiro na comunidade, que iniciou em 2005. Diz que já foram realizados dois inventários, depois do plano de manejo pronto não houve acordo com a cooperativa (Cooperfloresta) em relação ao preço. Desde o inventário sentiram que não houve envolvimento da comunidade com capacitação, etc. “Depois que os inventários foram feitos, o mapeamento tudo direitinho, a gente não conseguiu chegar num acordo com a Cooperfloresta em relação ao preço, isso parou e foi em 2015. Quando foi agora a gente está com outra discussão, mas de outra forma sem ser com a cooperativa, no caso a Cooperfloresta”.

- **Denyse Mello:** por que que não entrou em um acordo?

  Lucilene: Por causa do preço de R$60/$m^3$.

- **Lúcia (Embrapa):** mas esse preço é com a cooperativa fazendo tudo, inventário, os custos de exploração, transporte? Vocês têm discutido isso?

Lucilene: a gente tem discutido sim. Mas a gente ficou chateado que desde o início do inventário, eles não envolveram a comunidade, para a comunidade poder caminhar com as próprias pernas. Os comunitários não faziam nada. E a gente não entrou em acordo.

Francisco (Tantico, Seringal Filipinas) relata que começaram com extrativismo, depois com a madeira. Em relação ao preço pensa que poderia aproveitar a oportunidade de vender a madeira por esse preço. Acha que tem parceiros para que as coisas aconteçam, mas que a comunidade precisa se unir. Viu pelas outras experiências que as dificuldades de logística são maiores ainda em outros estados. "A experiência dos nossos colegas aqui do Pará, a dificuldade, a distância que eles moram, e eles estão animados aqui. Eu admiro muito, bato palmas, aqui a gente está com o caminhão na porta dentro da cidade e acha que está difícil. Acho que a gente precisa mudar também, para fazer as coisas darem certo"

Sr. Francisco (Chico Melo, Seringal Porongaba) relata que a comunidade foi criada em 1989 com a ajuda de uma pessoa da Comissão Pastoral da Terra. É um seringal pequeno que possui cerca de 6 mil hectares e 38 famílias. No início lutaram muito com madeireiros e grileiros, fizeram empates para que não derrubassem a floresta. Depois de conseguirem a terra, criaram uma associação. Depois entraram para a cooperativa CAPEB, que faliu. Após alguns anos, em 2006, entraram para a Cooperacre, e trabalharam muito com a castanha que é o carro chefe da comunidade. Em 2015, ficaram sabendo da oportunidade de trabalhar com madeira pela AMOPREB e 15 famílias da comunidade aceitaram se envolver. Em 2015 foi realizado o inventário pela empresa Tecmam. Eles têm discutido a forma de exploração e comercialização. Agora a AMOPREB está pensando na criação de uma cooperativa.

"Lá no Porongaba a gente tem um galpão grande, de 12mx25m, foram construídos esse ano mais duas unidades para armazenar a castanha, chegou também o quadriciclo que ajuda muito a carregar a castanha. Através da AMOPREB, agente começou a pensar no manejo da madeira. A gente já vinha ouvindo a história de Xapuri, Porto Dias, e porque não fazermos? Em 2015, a mesma empresa a Tecman, ela fez os inventários, plaqueteou as árvores. A gente ainda está em debate, 15 extrativistas abraçaram a causa, mas ainda estamos em debate. São áreas pequenas, estamos próximos da cidade. A gente não vê o manejo como carro chefe, a área é pequena, a madeira é pouca, a gente está na discussão sobre o preço da madeira. O produtor só vai lá mostrar a área, o produtor não faz nada. A gente resolveu criar uma cooperativa, para representar esse grupo de produtores, poder nos representar melhor, para poder negociar, tirar nota, negociar preço e representar os produtores, fazer a pesquisa de preço".

Sr. Silva (Seringal Porvir) relata que na Associação Wilson Pinheiro falar de plano de manejo madeireiro é uma coisa recente e que estão no evento para aprender. Na comunidade manejam castanha, seringa, açaí e agricultura. Acha que a exploração da madeira pode ser mais importante em áreas com pouca castanha e outras alternativas. Tem 60 famílias sócios da Associação Wilson Pinheiro e se reúnem com frequência, tem uma boa organização social. Eles têm vontade de fazer trabalho com aproveitamento de madeira de árvores caídas. Não tem vontade de trabalhar com máquinas pesadas na floresta, pensam em um manejo de baixa intensidade e baixo impacto.

"A nossa comunidade pensa em trabalhar com serraria portátil, tração animal, tobata ou quadriciclo; por que a gente sabe outras comunidades entraram com máquinas grandes, e a floresta ficou cheia de "esperaí" que tomaram de conta. Tem lugares que tem manejo, que não tem castanha nem seringa o manejo é mais importante. Aonde tem muita castanha, jutaí, jatobá, seringa, aonde a gente planta milho, arroz, macaxeira, cupuaçu, castanha, banana, a gente não quer se debruçar apenas sobre essa atividade. A gente destaca que tem áreas diferentes, áreas que dá, que pode dá certo, onde a produtividade de castanha é pouca e tem outras que não produz. A gente entende que cada uma tem uma realidade diferente. A gente quer fazer o plano de manejo da madeira caída, caiu e a gente quer aproveitar e depois pensar na madeira que está em pé, a gente pensa em começar desse jeito e depois evoluir. Nós temos 3 frentes de trabalho, o núcleo de base, - grupo de mulheres e a associação".

Sr. João Gomes (Peixoto, Seringal Porvir): agradece a todos e a Deus pela oportunidade de estar nesse encontro. Comenta que eles têm a comunidade organizada e já sabem a opinião de cada associado, eles têm interesse em fazer o aproveitamento da madeira caída. "A gente nunca fez o manejo da madeira, e a gente nunca fez, mas gente quer fazer para saber. Cada comunidade é diferente. Tem uma realidade diferente. A gente quer primeiro fazer o manejo da madeira caída, não estamos pensando de imediato em fazer o manejo madeireiro da floresta em pé. Mas depois se der certo a gente avança".

Figura 18. Representante da Resex Chico Mendes apresentando caso de Brasiléia e Epitaciolândia.

Perguntas e esclarecimentos

- **Cristina (SFB):** Quando vocês se referem a Cooperfloresta a impressão que temos é que a Cooperfloresta está distante, quero saber se vocês hoje via associações conseguem ter assento na Cooperfloresta? Ou se AMOPREB, AMOPREX tem assento, como vocês participam de assembleia? Como vocês se percebem na Cooperfloresta?

  Respostas:

  Seu Silva: na minha comunidade a gente ainda não fez manejo, não fizemos inventário, estamos no diálogo ainda.

  Lucilene: a Cooperfloresta foi lá fez os inventários, mas nós não somos sócios ainda. Nem a AMOPREB acho que não tem ninguém lá como sócio.

  Chico Melo: no momento, nós não somos sócios da Cooperfloresta, porque se nós fossemos sócios a gente ia estar amis próximo. A cooperativa é assim, os cooperados participam das discussões, da tomada de decisões. Falo isso pela experiência da Cooperacre. A gente não sabe porque ainda não é sócio. A AMOPREB quer criar uma cooperativa. A gente percebe que Xapuri está bem avançada nessa relação com a Cooperfloresta.

- **Lúcia (Embrapa):** vocês não avançaram em relação ao preço que é pago pela madeira, porque vocês acham pouco. Mas vocês já chegaram discutir sobre os custos de exploração. No porquê de ser esse preço? Porque tem o custo de inventário, o custo da exploração, que envolve as máquinas, abertura de estradas, transporte da madeira, porque de repente esse seja um preço justo, e vocês não saibam disso. Vocês tiveram acesso a essa planilha de formação do custo?

  Resposta - Lucilene: a gente teve capacitação no início, mas muita gente foi embora. Nesse segundo inventário a gente não teve essa discussão não.

- **Ana Luiza (UF):** eu gostaria de saber da participação das mulheres no manejo madeireiro e de não madeireiros lá na região.

  Resposta - Lucilene: as mulheres participam nas reuniões, são bem envolvidas.

- **Cida (SOS Amazônia)**: eu queria entender um pouco dessa morosidade dos processos de licenciamento. Vocês falaram o tempo todo, conversando com as pessoas e que a gente vê que tem uma pressão sobre o ICMBio, sobre o licenciamento, e a gente vê que já tem muita degradação da Resex, já tem muita pressão sobre a floresta, já tem muito desmatamento, exploração ilegal. As associações têm assento no conselho? Parece que o negócio vem de fora para dentro, do jeito que a gente vê de fora, a gente sente uma pressão para o manejo sair logo. Nos preocupa, essa questão do manejo. É mais um comentário, para reflexão.

- **Marcos (CTA)**: comenta que a realidade entre Brasiléia e Xapuri são diferentes, pela história da organização social em cada local. O diálogo entre AMOPREX, ICMBio e Cooperfloresta está mais constante. Mas também está sendo retomado na AMOPREB, principalmente depois da nova gestora da Resex ter assumido e já está realizando diversas reuniões nos núcleos de base.
- **Iran (IFT):** parece que as soluções para o manejo que estão sendo postas, são engessadas, precisa de mais estudo, mais atenção. Parabeniza as comunidades que estão só observando. Vamos nos centrar, ter maiores informações, não existem soluções únicas, vamos atrás de soluções especificas para cada realidade.
- **Clarice (SEMA):** está tendo muita dúvida em relação ao papel da Cooperfloresta. Eles precisariam estar aqui para falar, mas a Cooperfloresta é um dos atores chaves no MFC. No primeiro POA que a AMOPREB fez, a cooperativa chegou como prestadora de serviços, escreveu o POA, fez os inventários. A AMOPREB que contratou, (por meio de recursos de convênio e licitação), a Cooperfloresta foi uma contratada. São uma série de aspectos legais, revisões que não cabem apenas ao estado do Acre. Maior problema, dos diálogos aqui é em relação a preço, prestação de contas e o porquê desse preço, o quanto custou a atividade, sabe que está tendo essa prestação de contas sim na AMOPREX, eu já cheguei a participar. Lá na AMOPREB não aconteceu ainda porque eles ainda não iniciaram o manejo. Como o João Paulo Mastrângelo falou ontem, é necessário que os comunitários façam parte de todas as etapas desse processo, e se empoderem de tudo isso.

Intervalo.

3.9. Apresentação dos trabalhos de grupo

Para os trabalhos em grupo foram mantidos os mesmos grupos e as mesmas perguntas norteadoras, assim foram acrescentados nos mesmos cartazes do dia anterior os resultados que surgiram a partir do debate sobre os casos da Resex Chico Mendes.

Grupos - Cumaru e Angelim

Pergunta: Qual o papel que os moradores desempenham? E os Parceiros? O que pode melhorar?

Moradores

- Interesse do manejo florestal comunitário como fonte de renda extra;
- Terceirização do manejo - falta de envolvimento da comunidade em todo processo gerou conflitos;
- Falta de comunicação entre as comunidades;
- Fragilidade das organizações sociais.

Parceiros

- Morosidade do processo - desde o início da discussão, processos legais chegaram a demorar 10 a 15 anos;
- Falta de articulação entre os parceiros;
- ICMBio foi muito ausente;
- Falta de vontade política institucional.

Grupo - Cedro

Pergunta: Quais os benefícios do MFC para os manejadores, comunidade, reservas extrativistas e governo?

- Quando se fala em manejo, precisa de capacitação. No caso da AMOPREB, a capacitação foi um benefício que não veio.
- Organização social é necessária para trabalho coletivo seja com madeira, castanha, açaí, etc., porém, a madeira requer maior organização social, por ser uma atividade mais complexa.

Grupo - Mogno

Pergunta: Quais os custos ambiental, social, econômico e político desta atividade?

Custo ambiental

- Ameaça a outras cadeias em detrimento de uma falta clareza e estudos sobre o fator de risco do manejo madeireiro prejudicar o manejo da castanha e da seringueira, por exemplo;
- Falta de clareza para ter segurança do que está fazendo.

Custo Social

- Indecisão quanto a querer ou não querer participar;
- A falta de informação afasta a cooperativa e produtores.

Custo econômico

- Relações econômicas: falta de informação sobre custo de produção e falta de informações sobre formação de preço. Essas incertezas, são muito ruins para o processo.

Custo político

- Existe também uma pressão externa para que aconteça o manejo da madeira.

Grupos - Itaúba e Cerejeira

Pergunta: Quais aspectos desses casos vocês tiram como lições aprendidas?

- Qualificação, capacitação para conhecer antes de fazer;

- Envolver mais jovens e mulheres no processo de MFC, como é o exemplo do Pará;
- Novas formas de organização: AMOPREB buscando a criação de uma nova cooperativa, para gestão do próprio manejo;
- A organização pode transformar o lugar (ex. calendários produtivos com atividades diversificadas).

Abertura para reflexões e esclarecimentos sobre os trabalhos em grupo

- **Alcir (Emater-Pará):** é importante pensar em ressignificação de atividades, trazer o que todos os grupos trouxeram, o ofício de manejar, a importância da organização e do empoderamento, a organização social é um instrumento de desenvolvimento da atividade. Precisamos mesmo refletirmos sobre o objetivo de se criar determinadas organizações. É importante para não perder o foco da vocação principal de cada comunidade.
- **Nésia (IMC):** um ponto de reflexão importante é avaliar a vocação da comunidade, e também a motivação. No caso de comunidades que estão a muito tempo no processo falta credibilidade.
- **Marcos (CTA):** Padre Paulino, em suas andanças viu pessoas vivendo na floresta. E ele pensou em levar umas vacas e frutíferas para ver se dava certo, se melhoraria a vida das pessoas. Ele simplesmente levou, porque ele achava que era bom para aquelas pessoas, não pensou se se eles realmente queriam isso. Depois de um determinado tempo, as pessoas perguntavam de quem era aquelas vacas? Mesmo já estando na comunidade a um certo tempo, eles diziam: é do Padre Paulino. Ou seja, as pessoas não se apoderaram daquilo, não tomaram para si. Essa é a reflexão que eu deixo aqui para todos nós.
- **Denyse (UF):** a realidade do Acre não é diferente de outros estados, o que leva a solidez dos processos é a capacitação política dentro das organizações sociais. Existe a questão de financiamento de projetos que duram por 2 a 5 anos e muitas vezes não permitem o desenvolvimento e consolidação de uma nova atividade. "Quando vamos dialogar para o desenvolvimento da comunidade, precisamos refletir o geral, entender a dinâmica, a rotatividade, a juventude, tudo isso é um ambiente muito complexo para gente. Existem experiências, em estágios diferenciados; outras com maiores, outras com menos dificuldades, e não podemos colocar todo mundo num pacote só, em um modelo só, com uma solução única, mas avaliar cada caso de forma diferenciada".

3.10. Discussão técnica

Ao longo das apresentações surgiram algumas dúvidas técnicas e então foi incluído esse espaço para esclarecimentos.

Dúvida 1: o que é calango?

- **Iran (IFT):** é como se fosse uma escada, com duas peças principais, com ripas transversais amarradas, que podem ser amarradas com cipó; e coloca-se uma corda na frente, para direcionar o calango. A tora é colocada em cima do calango, a tora é amarra em cima para não ficar solta. A tração do calango são pessoas, que fixam machados com bastante força na parte do fuste, para poder empurrar. Geralmente, toras de 50 a 60 de diâmetro precisam de 5 pessoas para transportar. Na Resex Mapuá, tinha toras de 1m a 1,10 m de diâmetro. O calango deve ser mais forte para toras maiores. E a distância para o transporte pode ser de 250 a 300m em terreno plano, até chegar no rio. Geralmente o planejamento dos ramais é da parte mais alta da floresta para a parte mais baixa, em terrenos planos e pequenas subidas para facilitar o arraste. As peças deslizam, pois, as estivas vão sendo dispostas em todo ramal, as estivas vão embaixo para deslizar, elas ficam dispostas de 1 em 1m de distância, ao longo de todo ramal, servindo como base de deslizamento do calango. Tem todo um cuidado nas curvas, pois tem risco de a corda soltar, porque existem árvores nas laterais na abertura da área a ser arrastada.
- **Cristina (SFB)**: igual se planeja o arraste para uso de skidder, se faz o planejamento para arraste com o calango e com estivas, porque requer todo um planejamento, todo cuidado e atenção.

Dúvida 2: o manejo florestal madeireiro prejudica o manejo de outras espécies, como a castanheira?

- **Lúcia (Embrapa)**: gostaria de comentar que a EMBRAPA já realizou estudos, em que demostram que o manejo, ao ser feito de forma adequada propicia o desenvolvimento de outras espécies, inclusive das castanheiras. Por outro lado, nós avaliamos uma UT, no planejamento da Cooperfloresta, vimos que escolheram árvores que não deveriam ser escolhidas, por estarem muito próximas das castanheiras, que deveriam não ter sido exploradas. Mas isso depende muito do acompanhamento e planejamento conjunto que deveria ter sido feito com os manejadores.
- **Silva:** eu sei que na floresta, aonde a gente derruba a madeira nasce muito Esperaí (cipó) e embaúba. A nossa preocupação em não colocar skidder, trator pesado na floresta, é porque depois não vai nascer as espécies florestais que queremos, vão nascer espécies invasoras.

O pesquisador da Embrapa Acre, Evandro Orfanó comentou sobre as pesquisas em inventário florestal utilizando drone. “O drone agiliza o processo, não precisa realizar a abertura de picadas e o custo é baixíssimo. O sistema é facilitado. A gente pode fazer em inventário ou mesmo para medir toras no pátio. O inventário é muito caro. Com essa tecnologia, você vai no campo apenas vê que espécie é. Algumas espécies o drone reconhece, como a castanheira, ipê, abiu, outras é preciso ir no campo verificar; ele

equaciona o volume desse grupo de árvores. O custo é de R$ 4,00/ha e ele pode fazer até 1000 ha/dia.

Bruno Maier da Empresa BVRio fez uma breve apresentação sobre o funcionamento da Bolsa de Madeira Responsável e mecanismo de filtro para madeira do manejo comunitário.

Almoço.

A facilitadora Denyse Mello realizou junto aos participantes uma dinâmica de energização e iniciou os trabalhos da tarde.

3.11. Cenários para o manejo florestal comunitário

Os participantes foram convidados a fechar os olhos e imaginar dois mundos. O mundo verde e o mundo cinza (sendo o verde um cenário bom, e o cinza, um cenário ruim). Pensando da seguinte maneira:

- **Mundo verde:** como vocês queriam que fosse o manejo comunitário em 2027? O que precisa melhorar? O que falta? O que devemos fazer para alcançar esse cenário?
- **Mundo cinza:** o mundo que não queremos. O que não gostaria que acontecesse? O que devemos fazer para evitar esse cenário?

Os participantes do evento se reuniram em dois grupos, divididos por estados, sendo Pará e Amazonas no mesmo grupo. Cada grupo dividido por região se dividiu em subgrupo para debater os cenários. Após debate, reflexão e registro da linha do tempo e cenários para mundo verde e cinza, os resultados foram apresentados em plenária.

Grupos - Acre

Mundo verde

Para alcançar o mundo verde, precisamos de:

- Educação e capacitação - entender como funciona o manejo;
- Pertencimento - se sentir parte da atividade e fortalecer o seu papel, “valorizar”;
- Conhecimento disponível - acesso à informação, e que comunidades possam decidir;
- Atividades planejadas - tanto para produtos madeireiros, quanto para não madeireiros;
- Famílias com saúde, educação e segurança alimentar;
- Envolvimento de jovens e mulheres nas atividades de planejamento e de modo geral nas atividades no manejo;
- Grupos organizados - disciplina e compromisso;
- Política florestal voltada para a floresta;

- Entender o tempo da floresta;
- Diversificação da produção e segurança alimentar;
- Acesso para deslocamento da produção;
- Ter um projeto pedagógico de educação diferenciado dentro das escolas locais - começar a tratar esses assuntos dentro da escola, como: manejo e educação ambiental;
- Diversificação da produção - SAFs, criação de peixes e outras atividades;

Durante a apresentação, Sr. Silva sugeriu a criação de um grupo para se trabalhar esse "futuro que queremos para a Resex Chico Mendes".

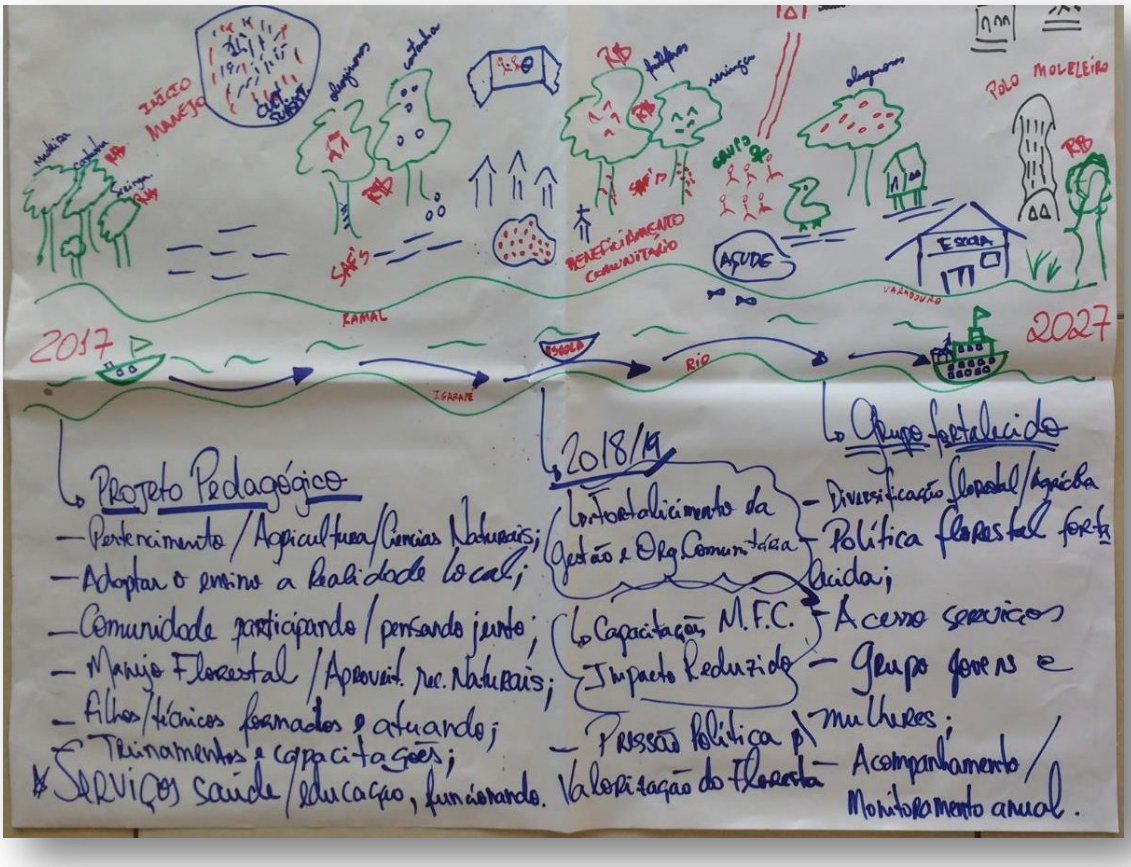


Figura 19. Representação do mundo verde do MFC no Acre.

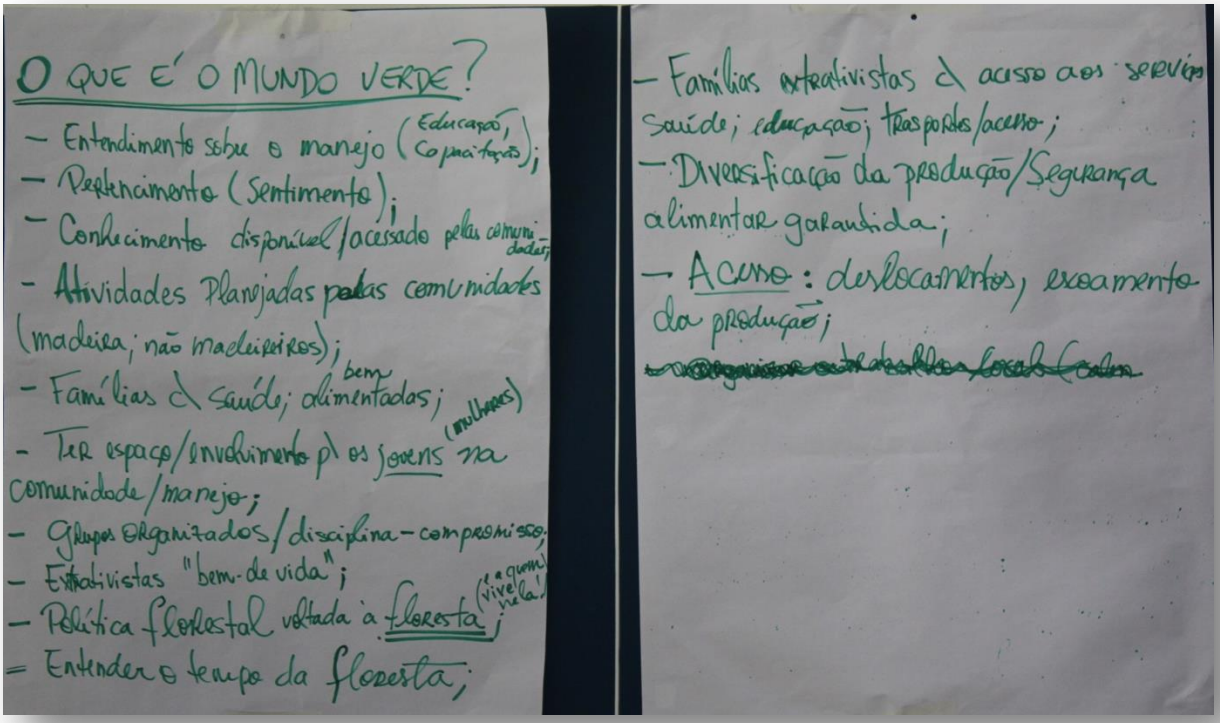


Figura 20. Descrição do mundo verde do MFC no Acre.

Mundo cinza

O que precisamos fazer para evitar?

- Obedecer ao Plano de Utilização - retomar essa discussão entre a comunidade e órgão gestor;
- Evitar desmatamento acima de 10% nas áreas;
- Gestão do ICMBio e autoridades competentes - retomar o planejamento da Resex, e criar alternativas para resolver o problema da criação de gado e arrendamento de terras para pasto;
- Controlar o número de pessoas na Resex;
- Adotar práticas que atendam o maior número de pessoas de uma forma sustentável;
- Legislação apropriada para adequação ao Manejo Florestal Comunitário;
- Rever o território da Resex nas bordas que estão desmatadas;
- Sensibilizar, conscientizar, fiscalizar as pessoas que estão dentro;
- Criar Grupo de Trabalho para Manejo Florestal Comunitário;

- Capacitação e formação dos moradores em manejo madeireiro;

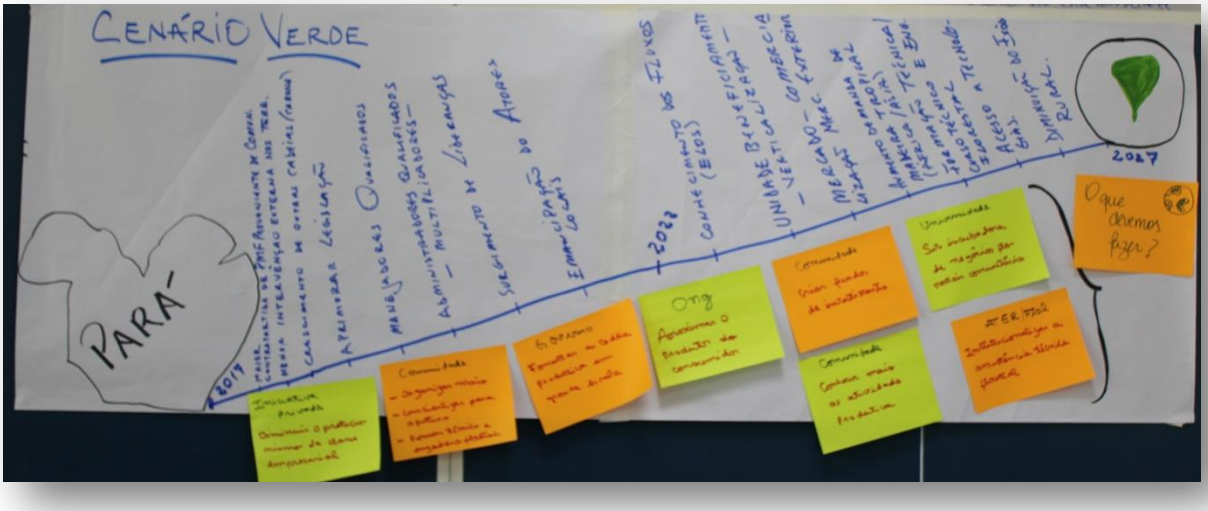
Grupos Pará e Amazonas

Mundo verde

- Estruturação de outras cadeias de valor. No Pará a madeira já está bem avançada nas discussões, e a castanha e açaí vão acompanhar esse modelo de organização que já existe;
- Mudanças na legislação;
- Maior número de manejadores qualificados inclusive para gestão;
- Autonomia dos atores locais para depender cada vez menos de entidades de apoio;
- Surgimento de lideranças, incluindo os jovens para fortalecimento dos produtos locais;
- Conhecimento dos fluxos operacionais, questões sociais e de comercialização;
- Criação de unidades de beneficiamento - verticalização da produção;
- Acesso a novos mercados e exportação - tendência de esgotamento da madeira em outros países tropicais fará aumentar a procura no Brasil;
- Formação de técnicos e engenheiros florestais na comunidade;
- Acesso a tecnologias para melhorias do sistema de manejo;
- Diminuição do êxodo rural.

O que devemos fazer para alcançar essas etapas acima citadas:

- Iniciativa privada - diminuir o protecionismo empresarial;
- Sensibilização para o futuro e formação técnica;
- Governo fomentando a cadeia produtiva de madeireiros e não madeireiros;
- Aproximar consumidor do produtor;
- Criação dos fundos de investimento;
- A comunidade deve conhecer toda a cadeia produtiva, elos e fluxos;
- A universidade poderia propor uma incubadora de empreendimentos de negócios florestais e agroflorestais nesses polos;
- ATER deve ser institucionalizada, e abraçar a causa de ATER florestal.



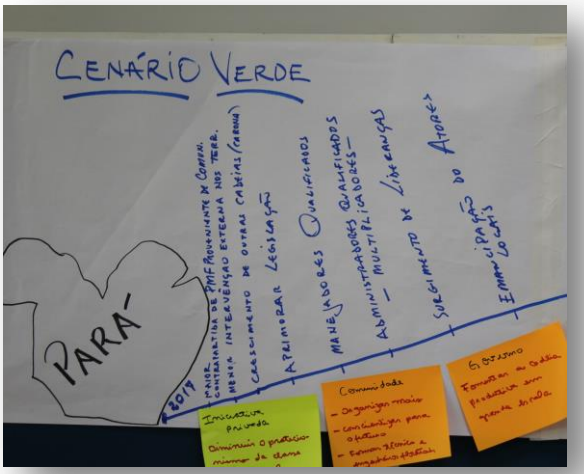


Figura 21. Representação do mundo verde do MFC no Pará e Amazonas.

Mundo cinza

Nós vemos o mundo cinza:

- Floresta sem diversidade;
- Água contaminada (região do Marajó);
- Invasão e ocupação ilegais das áreas das reservas;
- Falta de diálogo dentro das comunidades;
- Falta e priorização de políticas para fortalecer o MFC;
- Saída dos jovens e que ao retornarem trazem problemas para a comunidade;
- Sensibilização do gestor para o MFC;
- Mudanças na legislação que dificultam o licenciamento ambiental para o MFC.

O que devemos fazer para evitar o Mundo Cinza?

- Articulação e manutenção, priorização de políticas públicas para o MFC;
- Criar e fortalecer a governança nas organizações sociais e parceiros;
- Construir um plano de desenvolvimento da comunidade e um calendário produtivo anual;
- Busca por oferta por educação até o ensino médio (acontece em Breves);
- Fazer a regularização fundiária das reservas;
- Implementar projetos de plantios para recuperação de áreas abertas com castanha e açaí, por exemplo;
- Garantir que o manejo florestal comunitário seja explorado continuamente;
- Atingir a viabilidade econômica - se atentar ao tamanho da UPA, distância entre UTs; observar se a exploração vai pagar os custos. A forma como vai tirar. Como vai vender;
- Boa administração da receita para não se endividar futuramente (adiantamentos), conseguir bons contratos de venda.

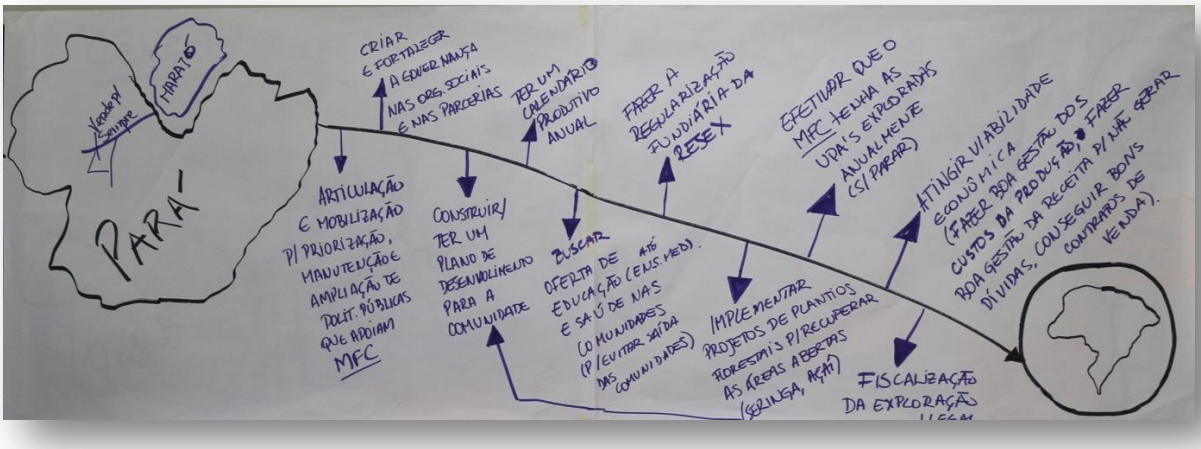


Figura 22. Representação do mundo verde do MFC no Pará e Amazonas.

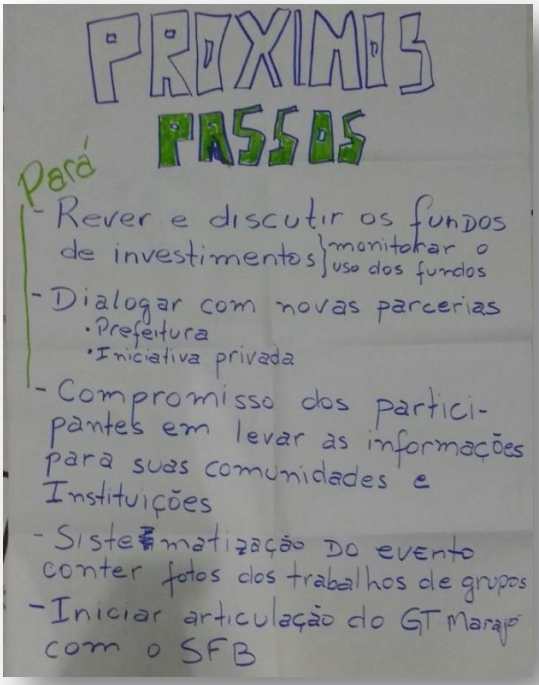
4. Próximos passos

Pará

- Rever e discutir os fundos de investimento e monitorar o uso e aplicação dos recursos;
- Dialogar com novas parcerias:
- Envolver prefeituras;
- Parcerias com a iniciativa privada;
- Compromisso dos participantes em levar as informações para suas comunidades e instituições (importância da memória e fotos dos trabalhos de grupo);
- Iniciar articulação do GT MFC do Marajó com o Serviço Florestal Brasileiro;

Acre

- Organizar uma oficina de introdução ao Manejo Florestal Comunitário;
- Ter um grupo que facilite a comunicação para os moradores da Resex sobre as atualizações dos processos do manejo;
- Treinamentos e capacitações para os comunitários;
- Sugestão de organizar uma Caravana na Resex Chico Mendes para visitar e levar informações aos núcleos de base envolvidos com o MFC.



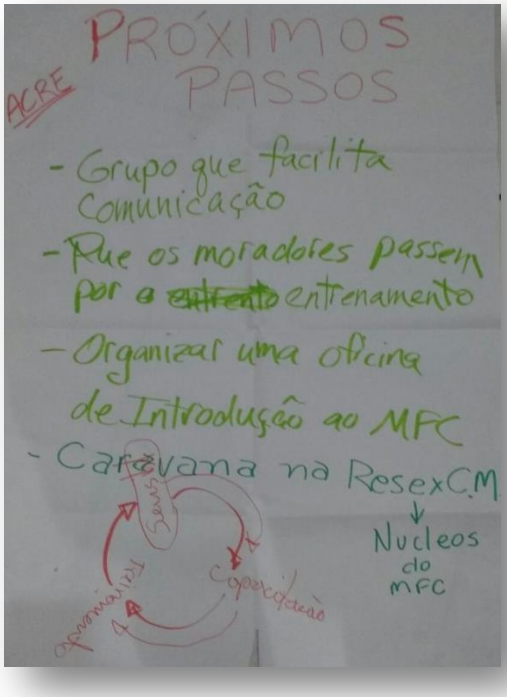


Figura 23. Encaminhamentos do evento.

5. Encerramento do evento

Após a definição dos encaminhamentos e dos próximos passos, os participantes foram convidados a preencher a ficha de avaliação do evento e em seguida foi realizado o encerramento do "Encontro para troca de experiências e reflexões sobre o manejo florestal comunitário em áreas protegidas na Amazônia".

Figura 24. Equipe de organização do evento (não todos estavam presentes).

Figura 25. Moradores das reservas e equipe de organização.

Agradecimentos

A organização do evento agradece a todos que participarem do Encontro, em especial, aos moradores das reservas extrativistas que protagonizaram o evento e fizeram dele uma rica troca de experiências e aprendizados.

Agradecimentos especiais também aos apoiadores, sem eles o Encontro não teria sido tão bem sucedido: Governo do Estado do Acre, Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Acre, Ministério Público do Estado do Acre, ICMBio, WWF-AC, Universidade da Flórida e Programa de Conservação e Desenvolvimento nos Trópicos.

Nosso muito obrigado!

ANEXOS

ANEXO 1. Matérias publicadas

- http://g1.globo.com/ac/acre/jornal-do-acre/videos/v/encontro-debate-manejo-madeireiro-comunitario-em-areas-protegidas-da-amazonia/5972518/
- http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/encontro-discute-tecnica-do-manejo-madeireiro-dentro-de-reservas-extrativistas-no-acre.ghtml
- https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/24895205/encontro-discute-manejo-florestal-comunitario-em-areas-protegidas-da-amazonia
- http://ift.org.br/encontro-discute-manejo-florestal-comunitario-em-areas-protegidas-da-amazonia/
- http://www.latam.ufl.edu/news--events/center-news/community-based-timber-management-projects-in-protected-areas-of-the-amazon.html
- http://pagina20.net/v2/encontro-discute-manejo-florestal-comunitario-em-areas-protegidas-da-amazonia/

ANEXO 2. Avaliação do evento

Total de respostas n=23

1. Setor (participantes responderam mais de um item):

Comunidade = 7

Governo = 8

Sociedade Civil Organizada = 6

Iniciativa privada = 1

Academia = 2

Assistência técnica e extensão rural e florestal = 1

2. Avaliação sobre o evento:

	Pouco	**Médio**	**Muito**
O evento foi bem organizado?			23
O evento atendeu suas expectativas?		3	20
Você aprendeu novas coisas a partir dos casos comunitários?		3	20
Você acredita que aplicará as ideias apresentadas e discutidas em seu trabalho ou comunidade?	2	8	13
O formato do encontro foi apropriado para o conteúdo discutido?		4	19
Os facilitadores do evento fizeram um bom trabalho?		1	22
Você gostou das discussões em grupos menores?		2	21
Você gostou da atividade sobre os cenários (mundo azul/verde)?		9	14
Você se sentiu confortável compartilhando suas opiniões com o grupo?		4	19
Você acredita que o manejo madeireiro comunitário vai se beneficiar com esse evento?	1	5	17
Valeu a pena assistir o evento?	1	2	20

3. Como melhorar futuros eventos:

	Pouco	**Médio**	**Muito**
O local do evento foi apropriado?		3	20
Você gostou da alimentação oferecida?		5	18
Você gostou da hospedagem oferecida? (Não se aplica a todos)			10

4. Pontos de melhoria:

- Distância do local do evento;
- Metodologia: segundo GT foi desnecessário. Poderiam ter sido propostas outras perguntas;
- O estabelecimento de uma rede de contatos;
- Maiores informações prévias sobre a logística;
- Envolver mais participantes (tomadores de decisão, mais comunitários, outras ideias);
- Mais tempo para trabalho em grupo, mas entende a restrição do tempo;
- Tempo: 3 dias seriam apropriados para o evento;
- Colocar em prática;
- Aumentar o grau de envolvimento de governo e iniciativa privada (serrarias locais, exportadores de madeira, compradores e *traders*);
- Disponibilizar tempo para explanações técnicas e conhecimentos dos participantes para os grupos que demandassem essas novas informações;
- Acordo de convivência;
- Transporte de Brasiléia para o evento poderia ter sido melhor.

5. Impressões gerais sobre o evento

- Muito bom, possibilitou a troca de experiências e uma visão de como está o manejo no Acre e em outros Estados;
- Bem organizado e interessante;
- Mediadora se preocupou mais com o tempo do que com o conteúdo de discussões interessantes;
- O evento foi muito produtivo e bem próximo da realidade analisada, o Manejo Comunitário.
- Muito interessante e produtivo, as metodologias de trabalho em grupo foram ótimas;
- Foi bom, mas faltou mais participantes;
- Gostei das experiências que foram compartilhadas, foram muito proveitosas, os conteúdos, o formato de abordagem por parte da organização, só tenho a agradecer;
- Qualidade nas discussões;
- Muito bom pois aprendi novos conhecimentos;
- Mobilização de mais comunitários do Acre especialmente da Resex Chico Mendes;
- Muito interessante;

- Muito bom, rico e inovador;
- Muito bom, apesar do tempo reduzido. Agradeço de coração.

6. Temas que deveriam ser tratados ou aprofundados em um próximo evento

- A forma de construção de arranjos institucionais e o envolvimento/engajamento das comunidades nesse processo;
- Manejo de produtos não-madeireiros e Serviços Ambientais/Ecossistêmicos;
- Acesso à mercado/comercialização;
- Metodologias de diagnóstico de demandas de capacitação;
- Monitoramento do MFC;
- Legislação;
- Pactuação institucional para definir ações, objetivos, prazos e atribuições/mesmo que sejam informais, porém necessárias;
- Captação de recursos;
- Participação de mulheres e jovens;
- Capacitação de comunitários;
- Relacionamento com as serrarias;
- Demonstrar os benefícios da madeira de MFC aos compradores: legalidade, preço e garantia de fornecimento;
- Nivelamento de instituições locais e estaduais, discutir sobre os papeis de cada um.

7. Outras observações ou comentários:

- Agradecer a organização e a Embrapa pela recepção;
- Gostei muito porque foi rico de conhecimento.
- Gostei muito do evento e dos acreanos. Pretendo voltar mais vezes aqui para participar desse tipo de evento;
- Observo que as comunidades não estão tendo espaço de decisão e que é preciso uma boa capacitação de tomadores de decisão para eles se apropriarem de seus empreendimentos.

ANEXO 3. Lista de Presença

Realização

TCD UF UNIVERSITY of FLORIDA Embrapa

Apoio

NovoAcre MPAC CNPq ICMBio WWF

LISTA DE PRESENÇA

ENCONTRO PARA TROCA DE EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE MANEJO MADEIREIRO COMUNITÁRIO EM ÁREAS PROTEGIDAS NA AMAZÔNIA

Local: Centro de Treinamento da Embrapa Acre - Sala Juruá
Período: 27 e 28 de Junho de 2017
Horário: 08h30 às 17h00 (Faci li tadores)
Facilitadores/Organizadores: Ana Luiza V. Espada, Denyse Mello, Fernanda Fonseca, Lucia Wadt, Marcus Vinicio D´Oliveira e Karen Kainer.

	NOME COMPLETO	INSTITUIÇÃO	DATAS	
			Dia 27/06/17(Terça-feira)	Dia 28/06/17 (Quarta-feira)
01	Adelaide Fátima Oliveira	ASSIMANEJO		
02	Alcir Rodrigues Borges	EMATER-PA	Alcir Borges	Alcir Borges
03	Ana Luiza Violato Espada	Organização	Ana Espada ~~Ass: ALEspada~~	Ana Espada
04	André Gomes	FUNTAC		
05	Arnaldo Costa da Silva	RESEX Mapuá	Arnaldo Costa da Silva	Arnaldo Costa da Silva

Realização

TCD UF UNIVERSITY of FLORIDA Embrapa

Apoio

NovoAcre MPAC CNPq ICMBio WWF

	NOME COMPLETO	INSTITUIÇÃO	DATAS	
			Dia 27/06/17(Terça-feira)	Dia 28/06/17 (Quarta-feira)
06	Bruno Maier	BVRio	Bruno R. Maier	
07	Clarice Farias	SEMA-AC	Clarice O. Farias	Clarice O. Farias
08	Cristina da Silva	ICMBio		
09	Cristina Galvão	SFB		
10	Denyse Mello	Organização		
11	Eduardo Amaral Borges	PESACRE		
12	Eduardo S. Bongiolo	Organização	Eduardo S. Bongiolo	Eduardo S. Bongiolo
13	Evandro Pinheiro	RESEX Verde para Sempre	Evandro Almeida Pinheiro	Evandro de Almeida Pinheiro
14	Fernanda Lopes da Fonseca	Organização	Fernanda L. Fonseca	Fernanda Lopes Fonseca
15	Francisco Ferreira Nogueira	AMOPREB	X Francisco Ferreira Nogueira	

Realização

TCD UF UNIVERSITY of FLORIDA Embrapa

Apoio

NovoAcre MPAC CNPq ICMBio

	NOME COMPLETO	INSTITUIÇÃO	DATAS	
			Dia 27/06/17(Terça-feira)	Dia 28/06/17 (Quarta-feira)
16	Francisco Soares de Melo	AMOPREB	Francisco Soares de Melo	
17	Hycaro Mattos Silva	MPAC		
18	Iran Paz Pires	IFT	Iran Paz Pires	
19	Ivo Péricles	IMAC		
20	Jarlene Gomes	IPAM		
21	João Batista da Silva	AMOPREX		João Batista da Silva
22	João Gomes de Oliveira	AMOPREB	João Gomes de Oliveira	
23	João Paulo Mastrangêlo	SEMA-AC		
24	José Francisco de Freitas	AMOPREB	José Francisco de Freitas	
25	Julia Feitosa	SEMA-AC	Julia	

Realização

TCD UF UNIVERSITY of FLORIDA Embrapa

Apoio

Novo Acre MPAC CNPq ICMBio

	NOME COMPLETO	INSTITUIÇÃO	DATAS	
			Dia 27/06/17(Terça-feira)	Dia 28/06/17 (Quarta-feira)
26	Junia Karst Caminha Ruggiero	IMAFLORA		
27	Karen Ann Kainer	UF/Organização	Karen A. Kainer	
28	Lucia Helena de Oliveira Wadt	Embrapa/ Organização		
29	Lucilene da Silva Freitas	AMOPREB	Mª Lucilene da Silva Freitas	Mª Lucilene da Silva Freitas
30	Luiza Carlota da Silva Caldas	AMOPREB		
31	Magaly da Fonseca e Silva Taveira Medeiros	IMC		
32	Manoel Batista da Silva	RESEX Verde para Sempre	Evandro Almeida Pinheiro	
33	Marcelo Ferreira Freitas	MPAC	Marcelo Freitas	Marcelo Freitas
34	Marcos Jorge Dias	CTA		
35	Marcus Vinicio Neves D'Oliveira	Organização		

Realização

TCD UF UNIVERSITY of FLORIDA Embrapa

Apoio

Novo Acre MPAC CNPq ICMBio WWF

	NOME COMPLETO	INSTITUIÇÃO	DATAS	
			Dia 27/06/17(Terça-feira)	Dia 28/06/17 (Quarta-feira)
36	Marky Brito	SEMA-AC		
37	Miguel Scarcello	SOS Amazônia		
38	Otavio Marangoni	Consultor BID		Otávio Marangoni Souza
39	Patricia Rêgo	MPAC		
40	Paulo Roberto Vianna	IMAC		
41	Quelyson Lima	IMAC		
42	Rejane Maria Alexandre Lucena	MPAC	Rejane M. A. Lucena	
43	Ricardo Mello	WWF		
44	Sebastião Pereira da Silva	AMOPREX		
45	Severino da Silva Brito	AMOPREB	Severino da Silva Brito	

Realização

TCD UF UNIVERSITY of FLORIDA Embrapa

Apoio

Novo Acre MPAC CNPq ICMBio

	NOME COMPLETO	INSTITUIÇÃO	DATAS	
			Dia 27/06/17(Terça-feira)	Dia 28/06/17 (Quarta-feira)
46	Thiago Cunha	UFAC	Thiago Augusto da Cunha	Thiago Augusto da Cunha
47	Vangela Maria Lima do Nascimento	MPAC	Vangela Mª do Nascimento	
48	Juliana Paulo Saraiva	UFAC/(Ciênc. Florestal)	Juliana Paulo Saraiva	Juliana Paulo Saraiva
49	Tiago Barbosa	Caeperfloresta	Tiago do N. Barbosa	
50	Mª Aparecida	SOS Amazônia	MAlopes	MAlopes
51	Nésia Moreno	IMC	Nésia M Moreno	
52	Jairon R. S. Nogueira	Embrapa	Jairon R S Nogueira	
53	EVANDRO ORFANÓ	EMBRAPA		
54	Lemos C. Gomes	EHESS	Lemos C. Gomes	Lemos C. Gomes
55	[illegible]			
56	Evandro Orfanó	Embrapa/Acre		